AVEIRO, 23 DE NOVEMBRO DE 1968 * ANO XV * N.º 733

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo * Administrador Alfredo da Costa Santos * Proprietários — David Cristo e Francisco Santos * Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Cl-mente d- Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

DOCUMENTO POLÍTICO E PESSOAL

Um discurso do CHEFE DO DISTRITO

As inequívocas palavras que o Dr. Vale Guimarães leu na tarde de 9 do corrente constituem — já aqui o dissemos, ao prometer publicá-las na íntegra — «valioso documento político e pessoal»: político, porque reflecte as directrizes duma renovada governação pública; pessoal, já que traduz uma tão firme determinação, que seria ofensa admitir-lhe permeabilidades nefastas de circunstanciais influências.

ESTOU de novo perante vós na posição de governador civil.

Nunca admiti ser possível um regresso — até porque é pràticamente inédito repetir-se o exercício do cargo no mesmo distrito — e, naturalmente, nenhum de vós terá, por seu lado, posto a hipótese. A realidade respondeu, porém, com formal desmentido ao que se supunha definitivamente impossível.

Por que voltei?

Mercê das dolorosas circunstâncias de todos conhecidas, assumiu a chefia do Governo o Professor Marcello Caetano.

Prestemos, antes de mais, vibrante e sincera homenagem ao patriotismo, à isenção, à clarividência do Venerando Presidente da República. Digamos-lhe todos do nosso profundo reconhecimento pela decisão histórica de confiar o Governo àquele eminente homem público, apto como era para, sem deixar de ser um continuador, imprimir, no mesmo passo, modernidade ao pensamento político de quem, com justiça inteira, foi já colocado entre os grandes vultos da nossa História, como é o caso de Salazar.

O que viesse a suceder-lhe teria de ser grande, como continuador e renovador, sob pena de haver desrespeito para o fundador do Regime.

Revelou o Presidente Marcello Caetano, desde o seu primeiro contacto com a vida política — ainda estudante — dotes de inteligência em raro número, especificadamente clareza e arrumação de ideias, visão, equilíbrio, segurança de métodos, a que se juntam a singeleza e a comunicabilidade, a vantagem de uma extraordinária preparação e vocação científicas, ainda a virtude de se encontrar permanentemente adaptado, ou seja a capacidade de acompanhar o evoluir das ideias e dos métodos da pública governação.

Tais méritos são bastantes para afiançar o homem e assegurar o caminho por onde conduzirá Portugal: o do prestígio e da perenidade alicerçados na colaboração com todos, e de todos os que, na paz e na ordem, se projectam na ascensão política, social, cultural e económica da Pátria.

Isto que vos acabo de dizer bastaria como resposta à pergunta que deixei em suspenso: por que voltei?

Mas acrescento: voltei por o Governo o ter querido. E por eu me sentir perfeitamente integrado no pensamento do nosso Chefe Marcello Caetano, sem a menor

Continua na última página

Em nota preambular ao «tema candente» — assim lhe chamámos, e agora se nos afigura cada vez mais «candente» — do «fim-de-semana», que nestas colunas tem sido tratado em diversos tons, dissemo-nos convencidos de que o problema estava «sobejamente equacionado para apreço e eventual revisão ao nível das instâncias competentes». Vieram-nos, porém, novos escritos; afinal, para alguns, se não para muitos, o caso, ao que parece, não estará ainda «sobejamente equacionado». E assim é que, respeitando as directrizes desta folha, impôs-se-nos manter abertura para todos os que supõem que a sua palavra será ainda achega para melhor consciencializar a revisão do assunto, por muitos pedida, expressa ou implicitamente. Por isso é que, para além do artigo que segue, se encontrarão aqui, na secção «Diz o leitor...», outros pessoais depoimentos.

CIDADE PARALISADA

CARTÃO de DESPEDIDA

DE CAROLINA HOMEM CHRISTO

É costume, quando se parte e pretendemos ter uma atenção com aqueles com quem contactamos, deixar-lhes um cartão de despedida. É o caso. Despeço-me de Aveiro temporàriamente e aqui fica o meu cartão de visita colectivo para quantos foram meus interlocutores neste diálogo de «Cidade Paralisada», que nem sempre foi válido e construtivo. Paixões — mais paixões que análise fria dos factos —, fraseologia romântico-social pouco significativa, interesses, falta de objectividade, e até, em certos casos, de cortesia. Mas está certo: «quem vai à guerra dá e leva». Apesar de que não procurei a guerra, mas tão-sòmente o equilíbrio e a defesa da economia de um concelho e dos interesses dos seus 46 mil habitantes em oposição aos de uma classe composta apenas por mil de entre eles (segundo vejo nas gazetas), embora compreensíveis e respeitáveis.

No último número do «Correio do Vouga» deixei dito o que, sob o meu ponto de vista, tinha a dizer. E nem os protestos mais ou menos correctos vindos a lume na Imprensa local e do Porto, nem as tradicionais cartas anónimas com ameaças, nem uma mais aturada reflexão me convenceram, até hoje, de estar em erro. No citado jornal — Correio do Vouga de 15 do corrente — *cheguei às minhas conclusões. Mas como os leitores do «Litoral» podem não ter tomado delas conhecimento e foi nestas colunas que levantei o assunto e este é de interesse geral e não meu, atrevo-me a repetir aqui, em breves linhas, o pensamento ali expresso.*

Não se trata, fundamen-

Continua na página dois

NÓS E O NOSSO TEMPO

TEXTO SUBSCRITO POR MÁRIO DA ROCHA

AS águas que o Tempo dá, na rua devem correr. E são elas que limpam a cidade, melhor que o vento ciclópico. São elas até únicas a lavar o céu e a polir o Sol — deixando tudo mais puro!

O Tempo é salvação! Eis uma verdade que até no Evangelho vem. Mas que S.to Ireneu proclamou como uma novidade tal que, ainda agora, Vaticano II a estudou e a guarda como fermento oculto na massa...

Não desfermentemos, pois, o amanhã, rejeitando o tempo que é nosso. Tempo duro, difícil, perturbador. Por isso mais o tempo precisa do homem, porque mais o homem vive no tempo e do tempo. Tempo redentor, porque o homem encontra-se, perguntando-se!

É hoje que todo o homem é uma pergunta.

E agora limito aqui o problema: o homem é pergunta do homem todo a cada homem! Todos somos responsáveis por todos, — escreveu Dostoiewsky. Porque uma *história* humana nunca mais tem fim, como, em frase de portal, assinalou Graham Greene.

Não ponho, pois, aqui a transcendência da pergunta. Que, afinal, não é, como se diz, Deus que pergunta o homem, — *Deus não é nenhum receituário de soluções feitas!* —, mas é o homem que pergunta Deus, — *que Deus é sinal de contradição* que para o homem viver o empenha na opção de valores maiores do que a vida própria!

O Homem cria o Homem

Sociedade, pois, será onde as perguntas se façam e as respostas se revelem de modo que o mundo do homem se crie humano.

O encontro de dois pensamentos ou de duas vidas

Continua na página dois

D. QUIXOTE, êxito do Teatro Experimental de Cascais em Madrid e Barcelona, estará em Aveiro — já aqui o anunciámos. Porque o público de Lisboa o «obrigou» a manter-se mais uma semana na capital, teve de ser adiada a digressão do TEC pelo norte do país; e daí que só na próxima segunda-feira, 25, teremos no Aveirense «D Quixote», na interpretação magistral de uma das mais representativas companhias portuguesas de teatro da vanguarda. Aliás, a consagração foi-lhe feita em Barcelona, com dois primeiros prémios na participação do CICLO DE TEATRO LATINO: de interpretação, para Santos Manuel; e de cenografia, para João Vieira. Aveiro estará no Aveirense depois de amanhã. Ou será que as tão apregoadas tradições teatrais daqui sejam apenas enfatuado pregão?

—— Na gravura: Rui de Matos (Sancho) e Santos Manuel (D. Quixote).

CADA CABEÇA... SUA SENTENÇA

COORDENAÇÃO DE ALÍPIO RIBEIRO

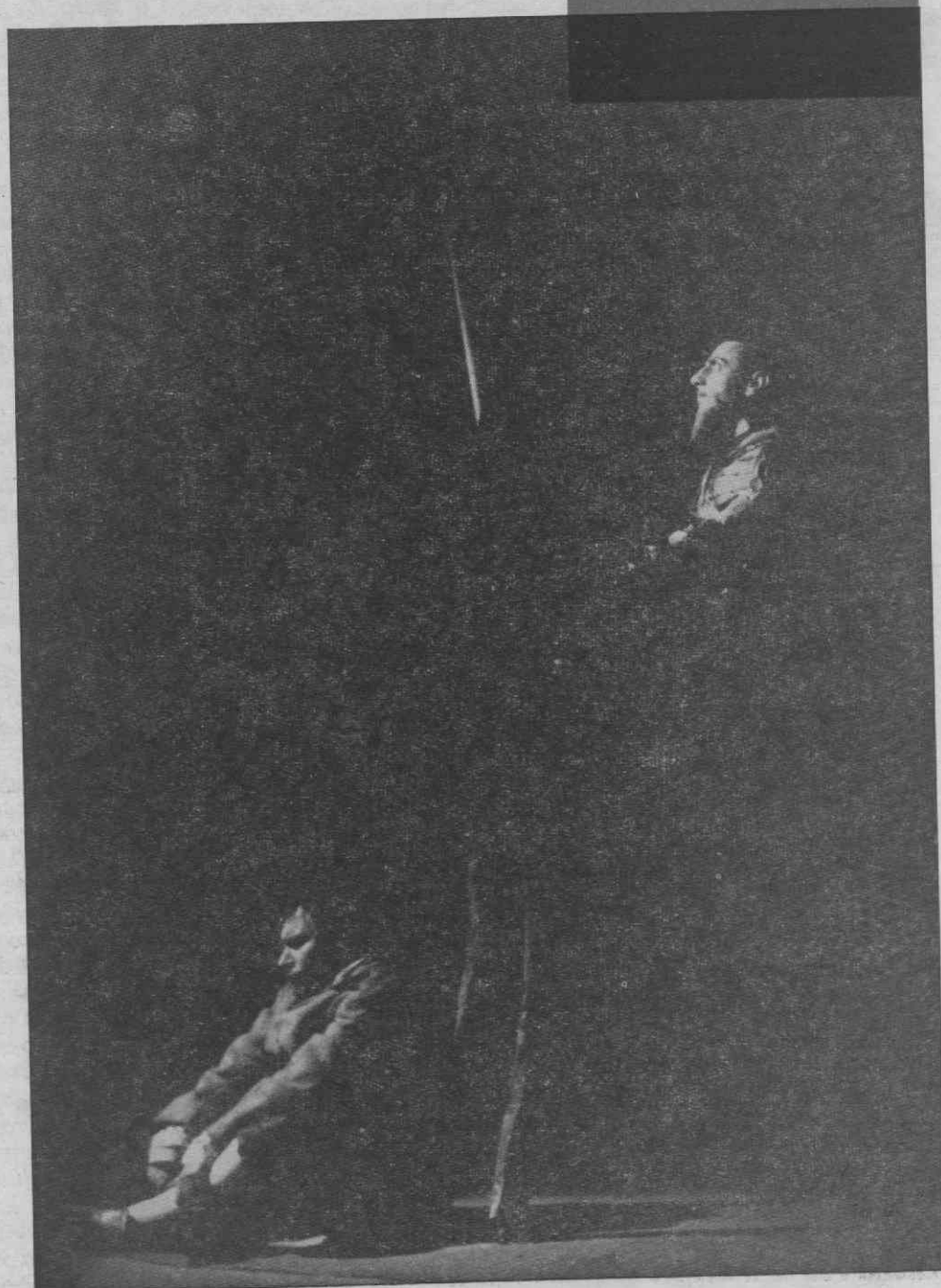
ESCREVEU o Prof. Marcello Caetano: «O estado moderno não pode desprezar a opinião pública, mas também lhe é impossível deixar-se governar por ela». Dentro deste espírito tem esta secção procurado inserir-se, traduzindo, ainda que com defeitos, posições diversas em relação a problemas que quotidianamente se nos põem. É, pois, um ensaio de civismo num país onde as atitudes cívicas não vão além dos elogios balofos, da aceitação irreflectida.

Não se pretende, no entanto, que esta secção seja a *opinião pública.* Mas é a partir de orientações semelhantes, a uma escala nacional, que se conseguirá construir aquilo que é a opinião pública — uma opinião crítica, participante. E não queremos deixar de acrescentar: não podendo «o estado moderno desprezar a opinião pública», é dever também desse estado criar as condições em que ela possa desenvolver-se. Este será, com certeza, o resultado final, o desenvolvimento justo, do pensamento do Prof. Marcello Caetano.

Mas entremos na questão de hoje. Uma questão que diz respeito essencialmente à juventude, já que é dela a situação a que nos vamos reportar.

Aluno que fomos do Liceu Nacional de Aveiro e, como a maioria (por que não a totalidade?) dos outros alunos, defensores acérrimos da existência de turmas mistas, um facto nos espantou neste ano lectivo: a separação por sexos nos dois últimos anos liceais, contràriamente ao que se passava nos anos anteriores. Contactan-

Continua na página sete

CONVIVÊNCIA, CONVIVÊNCIA

Nós e o Nosso Tempo

Continuação da primeira página

não é, pois, questão de destruir mas de encontrar, *não de aniquilamento mas de integração!*

Quem está aí a ver aqueles que são capazes de procurar dialogar, e assim esperando ver quais os vencidos ou quais os vencedores, esse não é capaz de saber distinguir a luta da morte!... E esperando a vitória da sobrevivência, ele arvora a vida como morte da da Vida!

Dialogar não é questão, pois, de vencidos e vencedores, mas de homens. Questão de vida ou de morte não é o diálogo; dialogar ou não dialogar é que é a vida e a morte em questão!

Pôr-se em questão a si mesmo e em contacto com o outro progredir — eis a questão! Eis o progresso. Eis o diálogo!

Matar era matarmo-nos! Única saída? O homem criar o homem! Então, nesse caso, aqui e agora e sempre: «Homens, sede homens!»

Quando calar é mentir !

Se todo o homem é uma pergunta, cada homem deve ser uma resposta. Não se entulhem, pois, no quarto, vozes de multidão. E ao apenas querer podar ramos, bem pode acontecer que se matem só raízes. Quando a voz é uma expressão de pensar, eis que uma geração se processa.

Pois me encontro também agora com Unamuno: «há momentos em que calar, é mentir».

Eis por que vem para a praça do jornal, esta palavra interior — *gesto de duas vidas que se encontram, porque sobem!*

E se, no fim de contas, este exórdio, da convenção quando se «discursa», é pouco justificativo, mais necessário ele se torna, assim se comprovando que os homens ainda não viram que neste nosso tempo, neste nosso mundo, «o único abrigo possível é o próprio Mundo», e até mesmo os crentes ainda não teriam acreditado que o Juízo da Morte é um juízo de vida: «Que fizeste de teu irmão»?

Por isso, saiba-se: este nós, tão próprio da Retórica, nada tem de retórico. Não é ele um plural majestático, mas antes bem despretensioso porque muito objectivo.

Cada vez um eu no mundo é mais plural. Quem diz que o eu é sempre singular, não sabe senão gramática.

E ai dos «mestres» que não ensinam senão gramática! Nem sua língua sabem, não é Sebastião da Gama?

Ser «alter» não é ser «alienus»

Referiu-se Mário Sacramento a um «eu»! E para qualificá-lo. E não sou eu que duvido da sinceridade, embora pergunte da objectividade.

A verdade é que qualificar assim é distinguir, é individualizar. O mais importante, pelo menos para mim, é que qualidades tais são reais responsabilidades...

Mário Sacramento também o sabe. E honestamente ali mesmo o diz! A seu modo lá está o *eu «sou eu e a minha circunstância»!*

Não será preciso acrescentar, para o esclarecer a V., Mário Sacramento, de que um «eu» é um ser vivo, capacidade de se fazer, personalidade aberta até ao meio, porque existir é expandir-se (ex + sistere) «viver é conviver», diria Gasset; mas ripostando para que, comunicando-se, não se deixe invadir por uma involução, ignorando-se que o máximo equador do mundo passa hoje não tanto entre crentes e descrentes mas sobretudo por entre exploradores e explorados.

E por o homem ter de ser *alter* para ser ele solidário — o eu plural —, nem por isso deve ser *alienus* para ser o nós alienatório.

Uma lição da Espanha viva

E a História é, nesta perspectiva, uma das mais eficazes escolas do pensamento.

Nesta altura me ocorre um significativo facto histórico. Ele é oportuno, até porque é de há dias a notícia, nos jornais, da morte de Menéndez y Pidal.

A pág. 223 de «Los Españoles en la História», editada em 1959 em Buenos Aires, Menéndez y Pidal descreveu com sua mão de mestre a divisão das duas Espanhas:

«Na sua última fase, a monarquia formulou com a maior solenidade a negação da «outra» Espanha.

Foi por ocasião da visita de Afonso XIII a Roma, em Novembro de 1923.

O rei, no seu discurso no Vaticano, anuncia ao Papa que a Espanha de hoje é a confirmação da Espanha de Filipe II, guerreira em nome da Igreja: «se em defesa da fé perseguida, novo Urbano II, empreendêsseis uma nova cruzada contra os inimigos da nossa sacrossanta religião, a Espanha e o seu rei jamais desertariam do posto de honra.»

Sobre isso, o rei afirma a unidade do país, «o desejo de todo o povo», recordando, de modo especial, a consagração que no Cerro dos Anjos, aplaudido por todos os meus súbditos e com a presença do meu Governo, fiz da Espanha ao Sacratíssimo Coração de Jesus.»

Mas, na sua resposta, Pio XI, exactamente o papa que consagra o Mundo ao Coração de Cristo, *não julgou oportuno nem leal* negar assim o problema das *duas* Espanhas, e admoestou paternalmente o rei, recordando-lhe que no grande e nobilissimo povo espanhol «há também filhos infelizes, embora muito amados, que recusam aproximar-se do Coração Divino. Dizei-lhes que, por isso, os não excluímos... mas, pelo contrário, vão para eles o nosso pensamento e o nosso amor»!

Assim Pio XI, até nesta ocasião de protocolar cortesia, não pode deixar de denunciar e corrigir como *erro político* um *erro religioso!*

Pio XI recusa a Afonso XIII a afirmação duma Espanha única, disposta a montar a cavalo como «povo predilecto da Providência»!

Ou seja: o papa recusava ao rei a oferta duma cruzada em troca duma desconcordância! Aceitava esta; não queria aquela!

O homem edita o homem em edição de bolso !

O insigne académico espanhol, agora *morto*, escreveu com visão profética:

«Que transtorno catastrófico e que derramamento de sangue se teria evitado se uns e outros, em vez de negarem existência à Espanha contrária, a tivessem reconhecido mùtuamente, com amoroso desejo de atracção, como comovidamente a reconhece Pio XI, qual facto inevitável que exige compreensão e benévola convivência cívica!»

Vaticano II, admitindo o homem fenomenológico e aceitando uma atitude antropocêntrica da humanidade, proclamou um «humanismo novo». A expressão, senhores, é de Paulo VI! A expressão, e a ideia!

Mas enquanto um sofisticado maniqueísmo social discriminar as pessoas mais do que as ideias a ponto tal que eu não sei como é possível acreditar no Criador desacreditando a criatura (*há formas de condenar homens que são condenação humana duma fé divina!...*); mas enquanto não se reconhecer que a «*morte de Deus*» é uma reacção lógica, providencial, redentora para salvar a face de Cristo, princípio dos princípios da eterna promoção humana; mas enquanto não se descobrir «*os cristãos anónimos*» a cumprirem eles o preceito patrístico de que «*a glória de Deus está na glorificação do homem*»; — enquanto assim for, Deus há-de continuar a ser um homem editado pelo homem em edição do bolso!...

O tempo é iconoclasta

A vida ultrapassa o homem. E eis por que também o simples espírito humano está hoje mais do que nunca posto em questão.

Nesta era da História, em que os dados dos problemas, — e resolver problemas não é destruir os elementos, mas encontrar a sua equação, que (diga-se) nem sempre será igualdade! —, por variada causalidade, mudam em escola e em nível, hoje, assim, problematizar é o verbo da Vida!...

Eis por que estou plenamente de acordo consigo, Mário Sacramento, quando em depoimento não remoto e, de qualquer modo, memorável, afirmava que «hoje, o que mais importa saber não é o que alguém está realizando, mas aquilo que está lendo!»

Temos de trazer a terra de hoje nas mãos, mas é o mundo de amanhã que nos ergue o rumo dos braços.

É pelo dinamismo de princípios vitais que a Vida supera a vida! O antidogmatismo, de situação, não é cepticismo de raiz! O método nunca é a total solução.

Eis por que, até no Cristianismo, a tradição de hoje é feita do progresso de ontem, e *do progresso de hoje se fará a tradição de amanha.*

Mundo enquadrado num quintal

Problematizar passou, assim, a a ser não apenas verbo da vida mas forma de sobrevivência!

Quando eu, Mário Sacramento, lhe leio até o último ponto final duma crónica ou lhe vasculho a última linha até à lombada de qualquer das suas várias obras, é para descobrir que há «mais mundos» do que o meu mundo!

Parece-me acontecer o mesmo consigo, Mário Sacramento, deixando o seu mundo para procurar ignotos mundos! O por-ser nos encontra!

Mas como poderemos nós encontrar ou como nos podem encontrar leitores que esquadram o Mundo no seu quintal???

Quando o leitor não se vê em causa na leitura, nunca a leitura será mais do que uma cena a ver pelo leitor!

Precisamos de leitores-sujeito que se ergam a leitores-objecto!

E, como não há cinerama nas colunas dos nossos jornais, o diálogo é, aqui, lermo-nos e ensinar aos leitores que... não lêem!

Então o melhor é que cada um continue trabalhando até que todos venham ao trabalho ou para que todos trabalho tenham... Campo não falta!

Mas se o campo ainda é simples plateia e um operário, mau grado nosso, nem sequer tem *cachet* para a tinta de cartaz, então o mais urgente, o primeiro trabalho, silencioso trabalho de cabouqueiros, é gritar: ser espectador hoje é ser comparsa!

MARIO DA ROCHA

Cartão de Despedida

Continuação da primeira página

talmente, de combater o descanso de mais umas horas semanais dos empregados do comércio. Trata-se da forma como o mesmo se pratica em prejuízo da maioria, de estarmos num país empobrecido sem condições para desperdiçar trabalho, e na excepção que isso representa em Aveiro em contradição com os demais concelhos do distrito, o resto da nação e maioria das classes trabalhadoras. O argumento do que se passa na indústria, ramo bancário e grandes empresas (importação e exportação, petroleiros, etc., etc.) não colhe, pois não há paralelo entre eles e o retalhista. Além do público consumidor em nada ser afectado com a sua paralisação, a indústria cumpre o seu programa de 48 horas de trabalho semanal sem qualquer quebra de produção encerrando num período de «ponta», pois cada novo arranque é anti-económico, permitindo-lhe isto congraçar os seus interesses com os do operariado sem prejuízo da economia local e nacional. Os bancários têm, de há muito, ou de sempre, um regime de trabalho inteiramente diverso. E por que havemos de preocupar-nos só com os que têm maior descanso e não com os que têm menos? É essa a justiça social? O direito ao descanso semanal é sagrado; mas tudo quanto vá além disso discutível e condicionável às necessidades e conveniências gerais.

Mantenho a minha opinião. O fim-de-semana pode vir a tornar-se uma medida geral para o comércio de todo o país. Não o condeno. Ser, até parcial. Admito. Mas mesmo nesse caso darei o bom combate para que não seja maciço. Há que atender a todos, e prejudicar o menos possível as localidades e os seus habitantes. Como se abastecerá a multidão de assalariados composta especialmente por operários fabris, da construção civil e trabalhadores rurais que, na maioria, esperam a sua féria ao sábado para aquisição dos seus arranjos, se encontrarem tudo fechado? E que faremos se amanhã o pessoal hospitalar, de empresas transportadoras, hotéis, cafés, restaurantes, caminhos de ferro, motoristas de táxis, jornalistas, etc., reivindicarem, também, o fim-de-semana, e ao sábado?

Se cada qual olhar só às suas conveniências, onde iremos parar? Não pode ser. Quando se chegar à conclusão de que as nossas condições económicas suportam esta redução de horas de trabalho, então será de praticar-se uma semana inglesa rotativa individual, por estabelecimentos, em dia à sua escolha, ou bipartida, em conjunto: metade do comércio de todos os ramos sábado à tarde, e outra metade, segunda-feira de manhã. Parece-me o mais justo e equilibrado. E, para mim, acabou-se o assunto, ao menos por agora.

Termino com duas referências especiais: uma de gratidão ao Dr. Mário Sacramento pela valiosa amabilidade com que me distinguiu; outra, aos que insinuam a minha futilidade de ser inútil e ocioso de tendências anti-sociais, autocrata desprezadora do trabalho alheio (fui eu quem levantou o problema da necessidade de regulamentar o trabalho da empregada doméstica contra mim própria *no «Correio do Vouga» de 24/6/966), inimiga dos* escravos *do balcão (até isso fui!), flanadora displicente, etc., etc. A esses, a título de esclarecimento, lego a minha*

FICHA PESSOAL

Carolina Homem Christo — 73 anos de idade, 60 de trabalho. Comecei aos 13, ao lado de meu Pai no «Povo de Aveiro», jornalzinho que tirava 38 mil exemplares, que dobrei, empacotei, cintei, expedi, administrei, e até imprimi numa falta de impressor. Aos 24, empregava-me na Salsicharia Internacional, ao Poço do Bispo. Com 25, secretariava o Conselho de Administração da Sociedade Nacional de Tipografia («O Século»). Aos 27 dirigia o Suplemento d'«O Século». Aos 29 fui despedida d'«O Século» por causa de dois artigos publicados no «Diário de Notícias» sobre o «Porto e a Barra de Aveiro». Ainda com 29, fui directora do Salão de Modas da firma Eduardo Martins & Filhos, de Lisboa, no Chiado. Aos 30 era chefe dos Serviços de Propaganda e Expansão do «Diário de Notícias». Dos 34 aos 44 fui, simultâneamente, chefe dos Serviços de Propaganda e Expansão do «Diário de Notícias»; administradora-delegada do «Notícias Ilustrado», e depois directora da «Eva». Em 1939, saía do «Diário de Notícias» comprando a «Eva» e fundei a Editorial, Organizações, L.da, empresa por cotas, distribuidora de livros, jornais e revistas de que sou gerente e é a actual proprietária da «Eva» que há 40 anos se publica sob a minha direcção. Nestes 60 anos de trabalho jamais tive repouso que não fosse o indispensável a um trabalhador ou forçado pela doença. E, a despeito de ter trabalhado 60 anos nestas condições, continuo a ter necessidade de o fazer, embora mais moderadamente por diminuição de forças, porque continuo pobre e não tenho reforma nem qualquer protecção corporativa visto os jornalistas da Imprensa não diária não terem direito a coisa nenhuma. Quem são os escravos?

CAROLINA HOMEM CHRISTO

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Beira-Mar, 0 Salgueiros, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte. Árbitro — José Alexandre. Fiscais de linha — Mário Luís (bancada) e Manuel Abreu (peão) — todos da Comissão Distrital de Santarém.

As equipas:

BEIRA-MAR — Paulo; Bernardino, Joca, Abdul e Marques; Amaral (Silva, aos 81 m.) e Colorado; Morais, Cleo, Eduardo e Almeida (Sousa, aos 46 m.).

SALGUEIROS — Melo; Taco, Gabriel, Edgar e Violas; Artur e Santino; Yaúca, Feliciano (Varela, aos 74 m.), Santana e Monteiro (José da Costa, aos 58 m.).

Extremamente correcto — a sua maior virtude, muito de salientar, pois todos os futebolistas souberam ser viris e generosos na luta, sem cairem em falhas disciplinares —, o desafio teve interesse, pela incerteza do desfecho, que não viria a alterar-se, dada a frouxa actuação dos dois ataques.

Mas o jogo esteve longe de corresponder ao que dele se esperava, pois os dois grupos exibiram-se muito aquém do que seria de exigir-se a candidatos à subida de Divisão.

Efectivamente, ambos os contendores claudicaram, e de forma clamorosa, nos sectores atacantes, que actuaram com falta de intencionalidade e um pouco desligados, denotando confrangedora inoperância.

O Beira-Mar, atacando com maior insistência — sobretudo no início da partida e logo após o recomeço, para voltar a carregar, num derradeiro tour de force, *nos minutos finais — jamais denotou talento para vencer a oposição pertinaz, a segurança e a marcação feita pelos defensores «encarnados». Os aveirenses, sem sentido de perfuração e sem rapidez nos momentos decisivos, viram-se forçados a tentar o golo em remates de longe, muitas vezes sem a direcção necessária. Quando assim não sucedeu (em poucas ocasiões, refira-se, a mais evidente aos 54 m., quando o guardião do Salgueiros efectuou magnífica defesa, num remate a meia-altura de Eduardo), Melo mostrou-se atento, decidido e muito seguro...*

O Salgueiros, passado o rompante inicial dos locais, teve o comando do jogo — mercê do bom trabalho dos seus homens de meio-campo: Santana, Santino e Artur. Mas a turma careceu de dianteiros com capacidade para levarem de vencida os defesas de Aveiro. De facto, Yaúca andou muito desamparado — acabando até, no período final, por ser o único avançado, quando a turma portuense, defendendo o «nulo», passou a actuar num «ferrolho» rígido e constante, com Artur a jogar em jeito de libero...

Resumindo: a partida que deixou a desejar, quanto ao futebol praticado, pois qualquer dos grupos actuou com imprecisão nos passes e sem harmonia, muitas vezes aos repelões. Houve sensível equilíbrio, no primeiro tempo — em que, curiosa coincidência, cada equipa ganhou cinco corners; *e maior ascendente dos beiramarenses, na segunda parte, em que dispuseram de quatro castigos de canto (os salgueiristas não ganharam nenhum...) mas não conseguiram chegar com a bola às malhas.*

Entre os «auri-negros», salientaram-se: Marques, pela sua voluntariedade, Abdul, eficiente e pendular, e ainda Morais, o dianteiro mais regular. Na zona intermédia, Colorado subiu imenso, com o decorrer da partida, acabando em nível digno de nota e aplauso; e Amaral, que começou muito bem, pecou por não saber desfazer-se atempadamente do esférico e acabou por ter de sair do campo, por falta de capacidade física. Paulo, Bernardino e Joca cumpriram, sem grandes alardes. Os restantes, longe do seu melhor: Almeida e Sousa, pouco esclarecidos; Cleo e Eduardo, sem nota positiva na finalização. (De Silva, que não chegou a aquecer o lugar pouco se poderá dizer, em juízo perfeito).

Nos salgueiristas, notabilizaram-se os defesas e os homens do meio-campo: a nota maior merecem-na Edgar, Taco e Artur. Seguiram-se-lhes Melo, Santana, Gabriel e Santino. Os restantes, esforçados, e, ao cabo e ao resto, úteis à equipa.

Arbitragem conduzida com acerto, autoridade e boa visão. Nota elevada, portanto, para o juiz de campo scalabitano, de resto muito bem auxiliado pelos «bandeirinhas».

REGISTO

Resultados da 9.ª jornada:

BEIRA-MAR — SALGUEIROS 0-0
FAMALICÃO — PENAFIEL . 3-1
A. VISEU — TORRES NOVAS 1-1
COVILHÃ — TRAMAGAL . . 0-1
ESPINHO — GOUVEIA . . . 4-3
LEÇA — VALECAMBRENSE . 2-1
BOAVISTA — TIRSENSE . . 1-0

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Famalicão	9	7	0	2	21-11	14
Boavista	9	6	1	2	21-10	13
BEIRA-MAR	9	5	1	3	13-8	11
Salgueiros	9	4	2	3	16-8	10
Tirsense	9	4	2	3	12-9	10
Penafiel	9	4	2	3	12-12	10
Leça	9	5	0	4	13-14	10
T. Novas	9	2	5	2	9-9	9
A. Viseu	9	4	1	4	13-13	9
Tramagal	9	4	1	4	17-17	9
Gouveia	9	4	1	4	10-14	9
Espinho	9	3	1	5	14-19	7
Valecamb.	9	1	2	6	7-20	4
Covilhã	9	0	1	8	5-19	1

Jogos para amanhã:

SALGUEIROS — BOAVISTA
PENAFIEL — BEIRA-MAR
T. NOVAS — FAMALICÃO
TRAMAGAL — A. VISEU
GOUVEIA — COVILHÃ
VALECAMBRENSE — ESPINHO
TIRSENSE — LEÇA

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 5.ª jornada:

Oliveira do Bairro — Paivense . 1-1
Anadia — Estarreja 1-2
Alba — Pejão 7-0
Paços de Brandão — Cucujães . 3-0
S. João de Ver — Recreio . . . 2-2
Valonguense — Cesarense . . . 0-0
Ovarense — Arrifanense 2-2
Bustelo — Esmoriz 1-1

Classificação geral:

1.º — Ovarense (12-3), 13 pontos. 2.º — Estarreja (5-2), 12. 3.ºs — Alba (11-3), S. João de Ver (8-4), Valonguense (5-4), Esmoriz (7-6) e Paços de Brandão (4-4), 11. 8.ºs — Anadia (7-4), Oliveira do Bairro (9-7), Recreio de Águeda (5-5), Paivense (5-5) e Arrifanense (6-7), 10. 13.ºs — Cesarense (6-8) e Bustelo (5-9), 9. 15.ºs — Cucujães (3-12) e Pejão (3-18), 6.

RESERVAS

Resultados da 2.ª jornada:

ZONA A

Ovarense — Valecambrense . . 0-1
Espinho — Oliveirense 2-0
Feirense — Lusitânia 5-2

ZONA B

Mealhada — Arouca 4-3
Macinhatense — Alba 2-3

Classificações:

Zona A — 1.º — Espinho, 6 pontos. 2.ºs — Oliveirense, Feirense e Valecambrense, 4. 5.º — Sanjoanense, 3. 6.º — Ovarense, 2. 7.º — Lusitânia, 1. (Sanjoanense e Lusitânia têm menos um jogo que os restantes concorrentes).

Zona B — 1.º — Alba, 6 pontos. 2.ºs — Ginásio de Arouca e Mealhada, 4. Macinhatense, 2.

JUNIORES

Resultados da 4.ª jornada:

ZONA A

Feirense — Lamas 2-2
Lusitânia — Espinho 4-2
Esmoriz — Paços de Brandão . . 1-3

ZONA B

Bustelo — Arrifanense 5-1
Oliveirense — Sanjoanense . . . 1-0
Cucujães — Valecambrense . . . 3-2

ZONA C

Alba — Vista-Alegre 4-1
Beira-Mar — Estarreja 8-0
Avanca — Ovarense 0-0

ZONA D

Pampilhosa — Anadia 2-2
Mealhada — Valonguense . . . 1-5
Oliveira do Bairro — Recreio . . 0-3

Classificações:

Zona A — 1.º — Paços de Brandão, 10 pontos. 2.ºs — Espinho e Lusitânia, 9. 4.º — Feirense, 8. 5.º — Lamas, 7. 6.º — Esmoriz, 5.

Zona B — 1.º — Oliveirense, 12 pontos. 2.º — Sanjoanense, 10. 3.º — Bustelo, 8. 4.º — Arrifanense, 7. 5.º — Cucujães, 6. 6.º — Valecambrense, 4.

Zona C — 1.º — Ovarense, 11 pontos. 2. — Beira-Mar, 10. 3.º — Avanca, 9. 4.º — Alba, 8. 5.º — Vista-Alegre, 6. 6.º — Estarreja, 4.

Zona D — 1.ºs — Recreio de Águeda e Valonguense, 11 pontos. 3.ºs — Oliveira do Bairro e Pampilhosa, 8. 5.ºs — Mealhada e Anadia, 5.

JUVENIS

Resultados da 5.ª jornada:

ZONA A

Sanjoanense — Bustelo 4-0
Cucujães — Lusitânia 2-2
Oliveirense — S. Roque 1-1
Ovarense — Feirense 0-4
Espinho — Arrifanense 0-0

ZONA B

Mealhada — Pampilhosa 1-1
Gafanha — Beira-Mar 2-1
Estarreja — Avanca 0-2
Anadia — Alba 1-2
Recreio — Vista-Alegre 0-0

Classificações:

Zona A — 1.º — Feirense, 15 pontos. 2.º — Sanjoanense, 13. 3.ºs — Cucujães e Lusitânia, 11. 5.º — Espinho, 10. 6.ºs — Bustelo e Oliveirense, 9. 8. — Arrifanense, 8. 9.ºs — Ovarense e S. Roque, 7.

Zona B — 1.º — Alba, 15 pontos. 2.º — Avanca, 12. 3.ºs — Anadia e Vista-Alegre, 11. 5.ºs — Beira-Mar, Recreio de Águeda e Pampilhosa, 10. 8.º — Mealhada, 8. 9. — Gafanha, 7. 10.º — Estarreja, 6.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 13 DO «TOTOBOLA»

1 de Dezembro de 1968

N.	CLUBES	1	x	2
1	Leixões — Varzim	1		
2	Sanjoanense — Atlético	1		
3	Setúbal — Sporting	1		
4	Braga — Guimarães			2
5	Belenenses — C. U. F.		x	
6	Benfica — Académica	1		
7	U. Tomar — Porto	1		
8	Salgueiros — Penafiel	1		
9	A. Viseu — Gouveia	1		
10	Espinho — Tirsense	1		
11	Lusitano — Montijo	1		
12	Almada — Oriental	1		
13	Alhandra — Sesimbra	1		

RUGBY no BEIRA-MAR

Com pedido de publicação, recebemos do Dr. Calheiros da Silveira — antigo praticante de rugby na turma de Direito, em Lisboa, e indigitado orientador da Secção de Rugby Amador do Beira-Mar (como oportunamente nestas colunas se referiu) — cópia duma carta endereçada ao Presidente da Direcção do popular Clube aveirense, e escrita nos seguintes e esclarecedores termos:

Aveiro, 21 de Novembro de 1968

Ex.mo Senhor
Presidente da Direcção do
SPORT CLUBE BEIRA-MAR
Avenida do Dr. Lourenço Peixinho
AVEIRO

Ex.mo Senhor Presidente da Direcção

Há alguns meses, sugeri a V. Ex.ª a criação de uma equipa de Rugby Amador, que eu, como praticante da modalidade orientaria tècnicamente.

Tendo, a convite de V. Ex.ª e após aquela sugestão, comparecido a uma reunião da Direcção do Clube, aí expus a minha ideia. Posteriormente, foi-me comunicado que fora deliberado pela Direcção criar a referida equipa, tendo mesmo sido dado conhecimento desse facto aos jornais.

Procurei, então, junto de V. Ex.ª dar andamento ao assunto, por diversas vezes, sendo-me, contudo, apresentadas dificuldades de vária ordem, entre outras a impossibilidade de utilização do Estádio de Mário Duarte.

E nada mais se fez.

Assim:

— considerando que por motivos a que sou alheio, meses volvidos, não se concretizou nem se deu andamento à citada deliberação;
— considerando que por ter oferecido, espontâneamente e com a melhor boa vontade, a minha colaboração ao Clube me considero impedido de prestar, eventualmente, os meus serviços a outra qualquer agremiação desportiva, para os mesmos fins; e, finalmente,
— considerando que não desejo permanecer mais tempo nesta situação;
— comunico a V. Ex.ª que me desligo, desde este momento, do compromisso que voluntàriamente assumira.

Informo, ainda, V. Ex.ª que, em virtude de o meu nome ter sido citado em alguns jornais, por comunicação da Direcção a que V. Ex.ª preside, como orientador da equipa de Rugby Amador a criar pelo SPORT CLUBE BEIRA-MAR, fiz remessa de cópia desta carta, com pedido de publicação, ao jornal «LITORAL».

Com os votos dos melhores sucessos para o

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

a) — Joaquim António Calheiros da Silveira

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

Com os desafios da quinta jornada, concluiu-se a primeira volta do Campeonato Distrital da I Divisão da A. B. de Aveiro.

Na vanguarda, e apenas com uma derrota, justamente na última jornada, a turma do Illiabum Clube; mas a posição não é totalmente segura — havendo três concorrentes na cola do guia.

Resultados gerais:

SANJOANENSE — GALITOS . 42-36
SANGALHOS — ILLIABUM . . 42-25

Mapa de pontos:

1.º — Illiabum, 10 pontos. 2.ºs — Sangalhos, Galitos e Sanjoanense, 8. 5.º — Esgueira.

Jogos para esta noite:

ESGUEIRA — GALITOS
SANJOANENSE — ILLIABUM

FEMININO

Nos desafios correspondentes à segunda jornada, verificaram-se os desfechos a seguir indicados:

SANJOANENSE — GALITOS . 26-23
ILLIABUM — ESGUEIRA . . . 17-12

A classificação geral ficou assim ordenada: 1.º — Sanjoanense, 6 pontos. 2.ºs — Galitos e Illiabum, 4. 4.º — Esgueira, 2.

Jogos para amanhã:

ILLIABUM — SANJOANENSE
GALITOS — ESGUEIRA

JUNIORES

Na jornada que marcou o início da segunda volta, registaram-se os seguintes resultados:

SANGALHOS — ESGUEIRA . . 37-33
ILLIABUM — BEIRA-MAR . . 60-17

A turma do Galitos, comandante invicto, tirou partido do desaire dos esgueirenses; e, mesmo de folga, ficou mais firme no comando.

Tabela actual: 1.º — Galitos, 15 pontos. 2.ºs — Esgueira e Illiabum, 14. 4.º — Sangalhos, 12. 5.º — Sanjoanense, 7. 6.º — Beira-Mar, 6. (Galitos e Sanjoanense têm menos um jogo).

Jogos para amanhã:

SANGALHOS — GALITOS
BEIRA-MAR — ESGUEIRA
SANJOANENSE — ILLIABUM

JUVENIS

A primeira jornada da segunda volta proporcionou as seguintes marcas:

GALITOS — AMONIACO . . . 39-23
SANGALHOS — ESGUEIRA . . 31-29
ILLIABUM — BEIRA-MAR . . 37-7

Os esgueirenses, sofrendo a segunda derrota com o seu quê de surpresa, viram afastar-se o Galitos, guia invicto.

Mapa de classificação:

1.º — Galitos, 21 pontos. 2.º — Esgueira, 17. 3.º — Sangalhos, 15. 4.º — Amoníaco e Illiabum, 13. 6.º — Sanjoanense, 10. 7.º — Beira-Mar, 7. (A Sanjoanense tem menos um desafio).

Jogos para amanhã:

SANGALHOS — GALITOS
BEIRA-MAR — ESGUEIRA
SANJOANENSE — ILLIABUM

diz o LEITOR...

Regime de fim-de-semana em Aveiro

Alberto Lopes Antão (Lopes de Penafiel)

Corre o boato que sou contra o regime de fim-de-semana, e que andei até, com uma lista, a colher assinaturas.

É inteiramente desprovido de qualquer verdade este boato. Como posso ser contra tal regime, se fui o primeiro a assinar a lista A, sem pressas nem atropelos? Se fui o que mais trabalhou (sem receio ao desmentido), para colher assinaturas?

Disse aos que perguntavam e aos que não perguntavam que ele viria a ser para todo o distrito e que havia uma promessa de que em breve seria para todo o país, acrescentando que estava interessado no assunto Sua Ex.ª o ex-Governador Civil de Aveiro em colaboração com os srs. Presidentes das Câmaras concelhias, que, para tanto, já haviam reunido ou iriam reunir (valha a verdade) em Estarreja. Sendo esta a promessa, não há dúvida nenhuma de que mais de 60 % a assinaram, sem relutância.

Não. Não sou contra o regime de fim-de-semana; sou o maior entusiasta para que ele seja adoptado em todo o distrito e, consequentemente, em todo o país, conforme o que foi ventilado pelo Ex.mo Sr. Carlos Mendes, digníssimo Presidente do Grémio do Comércio, pessoa por quem tenho grande admiração e estima, nunca tendo regateado qualquer sacrifício ou perda de tempo sempre que por ele tenho sido convidado a colaborar para o progresso da cidade, e sempre tendo dado o melhor do meu *eu* para que tudo, dentro do possível, se encaminhe para um maior progresso. Ele próprio o poderá testemunhar.

Assinei a lista B, que não pude ler totalmente e atentamente por falta de tempo, porque tudo era uma pressa, e, se a assinei, foi por duas razões: 1.ª — por figurarem na lista nomes de pessoas que já haviam assinado, igualmente, a lista A; 2.ª — porque, quanto a mim, a exposição não pedia a anulação total do regime de fim-de-semana: pelo que dela depreendi, tudo seria em ordem a colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Figura a minha assinatura em segundo lugar na lista B; mas esclareço que não fui o segundo a assinar: a lista encontrava-se já muito extensa e limitei-me a assinar no primeiro espaço que me indicaram, o que, para mim, significa o mesmo, pois não pretendo de forma alguma atirar a pedra e esconder a mão. Teria sido induzido em erro por não ter lido convenientemente a referida exposição? Se o fui, curvo-me, do facto pedindo desculpa, pois sempre fui e sou em favor do regime de fim-de-semana, mas nos moldes que atrás referi.

Se me perguntarem se tal regime prejudica o comércio, direi que sim, muito especialmente no período do Inverno; esta a conclusão que pude tirar já, pessoalmente, durante o curto espaço de tempo em que o fim-de-semana inglês foi adoptado no nosso concelho.

Por que não fazer mais pressão para que tal medida seja extensiva a todo o país, evitando assim descontentamentos?

Aqui fica esclarecido um mal entendido posto a circular a respeito da minha pessoa.

Opinião pública

Joaquim Rodrigues Magalhães

Acerca do encerramento aos sábados, não conheço ninguém que esteja satisfeito com tal iniciativa.

Sendo o sábado um dos dias de maior azáfama para todos, mas dum modo particular para as senhoras que têm o mercado, arranjo da casa e refeições..., como podem virar costas a tudo isto para irem fazer as compras que poderiam ser feitas com calma como até há pouco se faziam, da parte de tarde?...

E os operários e os funcionários públicos não têm compras a fazer? Ou não têm direito a ter uma tarde para se fornecerem dos artigos de que necessitam?

Muitos, ausentes em meios rurais, solicitados pelos seus afazeres profissionais, não encontram aquilo de que têm precisão nessas terras. O fim-de-semana era, digamos, a sua «tábua de salvação».

Para muitos lares este regime traz sérios aborrecimentos.

Os maridos recebem os salários e com mais esta folga vão gastar o dinheiro que faz falta à família, em coisas supérfluas. Deixam de comprar o que precisam e pagar o que devem.

Para quê complicar mais a vida a quem precisa de trabalhar... e ganhar o pão de cada dia?!

Discordo com este estado de coisas e muito mais discordo da maneira como a opinião dos comerciantes foi ouvida: — mais uma intimação do que uma opinião; eu fui abordado por duas vezes para concordar e aderi, muito contrafeito, depois de ouvir dizer que eu seria o único a não cooperar.

Agora vejo às claras que há muitos descontentes e é essa a opinião do público, em geral.

Semana inglesa?!

Aveiro, 19 de Novembro de 1968

Ex.mo Senhor
Director do *LITORAL*
AVEIRO

Ex.mo Senhor Director

Com vinte anos de prática comercial, dezassete como empregado e três como patrão, tenho seguido com muito interesse tudo o que se tem escrito sobre o actual regime de fim-de-semana.

Em face dos três depoimentos publicados no último número, também me atrevo a abusar da bondade de V. Ex.ª e peço licença para dar a minha achega.

Há tempos, o ilustre membro do Conselho Municipal, Sr. Eng.º Teixeira, disse que não houve legalidade de processo na condução do pedido para o actual regime.

Agora, o Sr. Estrela Santos, digno e conceituado comerciante, diz que foi enganado.

O Sr. Mário de Matos defende o seu ponto de vista e está certo, dado o lugar que ocupa.

O Sr. Vitor Falcão, embora formulando considerações muito importantes a favor dos direitos dos empregados de balcão, não resolve, quanto a mim, os seus problemas, visto não haver estabelecimentos abertos.

Por que não, dar-lhes a semana inglesa?

Segundo me consta é assim:

ESTABELECIMENTOS: Abertura às 9 horas, encerramento às 18 horas. (Mais uma hora por dia, durante toda a semana).

EMPREGADOS: Entrada às 9 horas, saída às 18 horas, com intervalo de 1 hora para almoço.

TARDE ÚTIL LIVRE: Quartas e sábados (Alternado).

DESCANSO SEMANAL: Domingo.

Nos estabelecimentos sem empregados, os patrões que necessitam e gostam de trabalhar, têm mais uma hora por dia, mas se fecharem, ninguém lhes pede contas.

Nos estabelecimentos com um empregado, esse empregado sai para almoçar normalmente das doze às treze horas ou das treze às catorze, conforme foi prèviamente estabelecido, e descansa alternadamente na tarde de quarta-feira ou de sábado.

Nos estabelecimentos com dois ou mais empregados, os descansos são tomados por revesamento alternado e normalmente 50 % de cada vez, quer para o almoço, quer nas tardes de liberdade.

Cabe aos responsáveis dos respectivos sectores estudar os problemas e equacioná-los com justiça e respeito pelos direitos de todos, adoptando o regime que melhor entenderem, mas por favor, não deturpem, nem lhe chamem «SEMANA INGLESA».

Exposta a minha ideia sobre o assunto, resta-me pedir desculpa a V. Ex.ª pelo tempo tomado e apresentar-lhe os meus respeitosos cumprimentos.

a) — Manuel Branco de Oliveira

III COLÓQUIO REGIONAL DOS FARMACÊUTICOS EM AVEIRO

Como já nestas colunas se noticiou, no prosseguimento da acção cultural do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, iniciada com a realização dos colóquios regionais em Abrantes e Évora, efectua-se hoje, em Aveiro, o III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional dos Farmacêuticos.

O programa deste III Colóquio, organizado pela Comissão de Coordenação das Actividades Culturais do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e pela Comissão de Defesa dos Interesses das Farmácias de Aveiro e Ílhavo, inclui: às 15 horas, na sede do Grémio do Comércio de Aveiro, abertura da sessão, e alocução pelo Presidente do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, sr. Dr. Palla Carreiro; às 15.30 horas, primeira conferência sobre «Intoxicações Alimentares», pelo sr. Dr. António da Silva Costa, da Faculdade de Farmácia do Porto; e, às 16.30 horas, segunda conferência, acerca de «Águas de Alimentação e Residuais», pelo sr. Dr. Manuel Godinho de Matos, Director dos Serviços Técnicos do Exercício de Farmácia da Direcção Geral de Saúde.

As palestras terão a duração média de trinta minutos, destinando-se tempo sensìvelmente igual para um colóquio livre, que será orientado pelo relator de cada tema.

Após o Colóquio realizar-se-á uma sessão em que o Prof. Correia da Silva esclarecerá alguns aspectos sobre a nova Lei do Exercício da Profissão Farmacêutica.

À noite, a encerrar a Jornada Farmacêutica haverá num restaurante da cidade, um jantar de confraternização dos participantes do colóquio.

ESCULTORA CLARA SEMIDE

Na Escola Superior de Belas Artes do Porto, defendeu tese em Escultura a já notável artista, que Aveiro tão bem conhece e tanto admira, Clara Meneres Semide, esposa do distinto técnico urbanista Arq.º José Semide.

Clara Semide obteve 19 valores — o que diz muito dos seus reais méritos, mas não diz tudo: os aveirenses já a tinham classificado, há muito, com 20 valores.

CORONEL AMÉRICO ROBOREDO

No pretérito sábado, tivemos o grato prazer de abraçar, nesta cidade, o nosso distinto e bom amigo Coronel Américo Roboredo de Sampaio e Melo.

«QUANDO OS POETAS CANTAM O DESPORTO»

O nosso prezado colaborador João Sarabando, aveirense distinto que tanto tem honrado com a sua pena inconfundível o Jornalismo nacional, particularmente em temas desportivos, abrilhantou notàvelmente as comemorações do 54.º aniversário do prestigioso Sporting de Espinho, recentemente realizadas, com uma aliciante conferência, ilustrada com recitativos e subordinada ao título que serve de epígrafe a esta notícia.

O interessantíssimo trabalho de João Sarabando foi prolongadamente aplaudido pelo numeroso auditório.

134.º ANIVERSÁRIO DA «BANDA AMIZADE»

Conforme noticiámos, a prestigiosa *Música Velha* está a festejar a passagem do seu centésimo trigésimo quarto aniversário.

Ontem, cumprindo-se o programa que se anunciou, realizou-se um concerto, na Praça do Dr. Joaquim de Mello Freitas. Amanhã, após concentração na sede da «Banda Amizade», será rezada missa na Sé Catedral, pelas 9 horas, seguindo-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

COMEMORAÇÕES DO «DIA DO ARMISTÍCIO»

Conforme programa aqui anunciado, celebrou-se, na penúltima segunda-feira, a passagem do cinquentenário do armistício que pôs termo à conflagração de 1914-1918.

Pelas 11 horas, foram depostos ramos de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Prestou guarda de honra um destacamento de Infantaria 10, encontrando-se presentes, durante a significativa cerimónia, os srs.: Dr. Joaquim Lopes, Secretário do Governo Civil, representando o Chefe do Distrito; Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal; Coronel Álvaro Salgado, Coronel Armando Maçanita e Comandante Garrido Borges, respectivamente comandantes militar e do R. I. 10 e Capitão do Porto de Aveiro; diversas outras entidades e muitos antigos combatentes.

Seguiu-se a romagem de saudade ao Talhão dos Combatentes, no Cemitério Sul, e um almoço de confraternização de componentes do corpo expedicionário português.

À noite, na habitual reunião do Rotary Clube, os antigos combatentes e rotários aveirenses srs. Coronel João Pereira Tavares e João da Costa Belo fizeram curiosas evocações alusivas ao final da I Grande Guerra.

CONSTANTES CONVITES À «BANDA DO INTERNATO»

A fama da Banda do Internato Distrital de Aveiro vai correndo o País, pelo que, dos mais variados pontos, têm sido endereçados convites para actuações daquele conjunto — actualmente composto por 54 elementos, sob regência do maestro Severino Vieira.

Para além do valor musical dos executantes, a «Banda do Internato» tem primado sempre pelo impecável comportamento dos seus elementos — facto que merece ser devidamente realçado.

A convite do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, a «Banda do Internato» vai tomar parte, em Lisboa, nas próximas Comemorações do 1.º de Dezembro e, na mesma altura, dará um concerto na capital.

Em 8 do próximo mês, nova deslocação, para participar nas festas em honra de Nossa Senhora da Canceição, em Camarates — Loures.

...taxímetro, passada pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres — Direcção de Viação de Coimbra, em dezassete de Outubro de mil novecentos e seis, e licença que tem o número sete mil quatrocentos e sessenta e nove; e atribuem a estes bens para o presente acto o valor de quarenta e cinco contos;

QUINTO

Na cessão de quotas a estranhos a sociedade e qualquer dos sócios tem o direito de preferência;

SEXTO

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital;

SÉTIMO

A gerência social fica afecta ao sócio Manuel Fernandes dos Santos Rigueira, que poderá exercê-la pessoalmente ou mediante procuração passada mesmo a pessoa estranha à sociedade; e a sociedade obriga-se pela assinatura da firma pelo gerente ou pela assinatura do seu procurador;

A gerência é dispensada de caução;

OITAVO

Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, dezasseis de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

INAUGURAÇÃO DA SEDE-QUARTEL DOS BOMBEIROS DE ESTARREJA

A prestimosa Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, a cuja Direcção preside, com grande zelo e competência, o sr. Dr. Francisco José Marques de Oliveira Pinto, encontra-se em festa.

No último domingo, com a presença de entidades oficiais daquele concelho, e sob presidência do Chefe do Distrito e do Vigário Geral da Diocese, foi benzido e inaugurado o edifício da sede-quartel da corporação — que fica a ser um dos melhores do País.

Realizarram-se cerimónias, de que destacamos: pelas 11.30 horas, uma missa de acção de graças pela realização da obra e por todos os benfeitores que a tornaram possível; pelas 15 horas, bênção e inauguração da nova sede-quartel e de uma moderna ambulância (oferecida pelo benemérito Francisco Marques Garrido), sessão solene e visita às instalações; pelas 16.30 horas, desfile das corporações de bombeiros de todo o Distrito; e pelas 21.30 horas, festival popular (em que colaboraram seis orquestras), no salão nobre, terraço e parque de viaturas do novo edifício.

CONSELHO REGIONAL DE AGRICULTURA

Na sede do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo, e sob presidência do sr. Eng.º-agrónomo Messias Fuschini, Inspector da II Zona Agrícola, realizou-se uma reunião do Conselho Regional de Agricultura da IV Região Agrícola.

Entre outros assuntos, foi estudado o problema dos produtores directos.

«BODAS DE PRATA» DO ILLIABUM CLUBE

O prestigioso Illiabum Clube, da vizinha vila de Ílhavo, vai festejar os seus vinte e cinco anos de vida, com um bem elaborado programa de acontecimentos desportivos, culturais e recreativos, que hoje se inicia e terminará em 7 de Dezembro.

O referido programa ficou assim estabelecido:

Sábado, 23 de Novembro — Pelas 17 horas, sessão solene, com presidência do Chefe do Distrito. No final, inauguração de duas exposições: «Divulgação Filatélica e Numismática», no Centro Recreativo dos Oficiais da Marinha Mercante; e «Arte Popular Ilhavense», no Centro Paroquial.

Pelas 21.30 horas, Festival de Folclore, no Pavilhão dos Desportos. Exibem-se o Grupo Como Elas Cantam e Dançam em Paços de Brandão; o Conjunto Típico «Os Marinheiros» e o Rancho de Torrão de Lameiro, ambos de Ovar; e a Marcha de Cimo de Vila, de Ílhavo.

Domingo, 24 de Novembro — Pelas 10 horas, concentração dos sócios na sede. Pelas 10.30 horas, romagem de saudade ao cemitério da vila, seguida de missa pelos sócios falecidos, na Igreja matriz. Pelas 11.30 horas, desfile da fanfarra e da banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo. Pelas 12 horas, largada de pombos correios.

Quarta-feira, 27 de Novembro — Pelas 21.30 horas, no salão nobre do Illiabum, conferência do Dr. Frederico de Moura, ilustre colaborador do Litoral, sobre «O Problema Médico na Pintura de Grecco». Pelas 22.30 horas, abertura da Exposição de Pintura e Escultura «Arte-Ílhavo II», na sede do clube.

Sábado, 30 de Novembro — Pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, Festival de Hóquei em Patins: desafio entre as selecções do Norte e do Sul (com os internacionais, campeões do mundo) e patinagem artística, pela campeã nacional, Maria Judite.

Domingo, 1 de Dezembro — Pelas 11.30 horas, desfile da Banda Filarmónica Ilhavense. Pelas 16.30 horas, no Pavilhão dos Desportos, Festival Desportivo, com: patinagem artística, por Maria Judite; ginástica, pelas classes do Illiabum; e basquetebol, desafio Illiabum — B. P. M. (campeão metropolitano), para disputa de uma taça.

Quarta-feira, 4 de Dezembro — Pelas 21.30 horas, no Atlântico Cine-Teatro, representação da peça «O Diário de Anne Frank», pelo Círculo de Teatro de Aveiro (C. E. T. A.).

Sexta-feira, 6 de Dezembro — Pelas 21.30 horas, palestra e projecção de filmes do Dr. Vasco Branco, no salão nobre do Illiabum. (Deverá ser estreada a nova película do laureado cineasta aveirense e nosso colaborador, «A Grande Farsa»).

Sábado, 7 de Dezembro — Pelas 20.30 horas, jantar de confraternização dos sócios.

FALECERAM:

P.e DR. FLORINDO NUNES DA SILVA

Vítima de uma queda, teve de ser internado na Clínica de Santa Joana o Rev.º P.e Dr. Florindo Nunes da Silva, que viria a falecer no dia 14 do corrente.

Era natural de Cacia, onde tinha a sua residência, contava a provecta idade de 97 anos, foi aluno do Liceu de Aveiro e formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra. Ordenado em 1901, foi pároco, sucessivamente, de Eixo, Soza, Covão do Lobo e Cacia, tendo resignado, por doença, em 1937.

O exemplar sacerdote era irmão do falecido Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva.

D. LOURDES CAMPOS ROCHA

Faleceu no dia 16, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, vítima de dolorosa e impiedosa doença, a sr.ª D. Ermelinda Maria de Lourdes Portugal Pereira Campos Rocha, que, em Agosto último, completara 68 anos de idade.

A estimada senhora, pertencente a numerosa e respeitada família aveirense, era viúva do saudoso Duarte Rocha e mãe das sr.as D. Maria Teresa Portugal Vaz Pinto da Rocha Pereira Campos, viúva do inesquecível Ricardo Pereira Campos Júnior, de D. Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha Barata da Rocha, esposa do nosso dedicado colaborador Dr. Augusto José Sobrinho Barata da Rocha, da sr.ª D. Maria Helena e do sr. Duarte Nuno Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, marido da sr.ª D. Arminda da Silva Campos Rocha.

ANTÓNIO MARQUES RIBEIRO

Também no dia 16, faleceu nesta cidade o sr. António Marques Ribeiro.

O saudoso extinto, conhecido e conceituado proprietário da Azurva, deixa viúva a sr.ª D. Elisa de Castro Marques Ribeiro; e era pai das sr.as D. Maria Esmeralda Marques Ribeiro Fernandes, esposa do sr. Henrique Caeiro Fernandes, D. Ausenda Marques Ribeiro Sequeira, casada com o sr. Fernando Melo Sequeira, D. Lisete de Castro Marques Ribeiro Malaquias, esposa do sr. José Machado da Graça Malaquias, e, ainda, do sr. Fernando de Castro Marques Ribeiro.

D. JOANA DE JESUS

Na sua residência, em Coimbra, faleceu no dia 18, após prolongado sofrimento, a sr.ª D. Joana de Jesus, natural de Aveiro.

A bondosa senhora, que todos carinhosamente tratavam por «Joaninha», era casada com o sr. António Correia de Lemos; mãe da sr.ª D. Maria da Purificação Delgado Garcia e do nosso distinto colaborador Dr. Lúcio de Jesus Lemos, funcionário da Companhia Portuguesa de Celulose; e irmã da sr.ª Lucinda de Jesus, ausente em Luanda, e do sr. Hortêncio de Jesus.

D. ELVIRA AUGUSTA PICADO

Vítima de grave doença, faleceu, no dia 19, a sr.ª D. Elvira Augusta Picado, casada com o sr. Serafim Miguéis Picado, ausente em Angola, mãe do sr. Serafim Miguéis Picado e cunhada da sr.ª D. Cecília e do sr. Abel Miguéis Picado.

Ainda que de modesta condição, a saudosa extinta, que contava apenas 51 anos, tornou-se credora, por sua prestimosa bondade, da estima de quantos com ela conviviam e lhe admiravam as virtudes e qualidades.

D. MARGARIDA TERESA DE JESUS

Em Eixo, onde residia, faleceu no dia 18, com 77 anos de idade, a sr.ª D. Margarida Teresa de Jesus.

A bondosa extinta era viúva do saudoso Manuel Gaspar Novo.

A dolorosa notícia, por inesperada, surpreendeu, em Lisboa, o distinto polígrafo Rev.º Padre João Gonçalves Gaspar, filho da sr.ª D. Margarida Teresa, que na capital se encontrava com o venerando Bispo de Aveiro, de quem é secretário particular.

Tinha mais seis filhos: as sr.as D. Maria, D. Irene e D. Arminda e os srs. Manuel, João e Fernando Gonçalves Gaspar.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

Fausto Galvão, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de doze de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas vinte e cinco a vinte e seis, verso, do Livro próprio número Quatro-C, deste Primeiro Cartório, outorgada perante o Notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi dissolvida por mútuo acordo a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a firma «Fausto Galvão, Limitada», com sede nesta cidade de Aveiro; a qual fora constituída por escritura de trinta e um de Maio do ano corrente, deste mesmo Cartório, não havendo activo ou passivo a liquidar ou partilhar.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, dezasseis de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	MODERNA
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVENIDA
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 23 — às 15.30 e 21.30 h.
Todas as Noites às Nove — com Dirk Bogarde.
Para maiores de 17 anos.

Domingo, 24 — às 15.30 e 21.30 h.
Por Amor... Por Magia — com Rosemarie Dexter, Mischa Auer e Sandra Milo.
Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 27 — às 21.30 h.
O Fado — *História duma Cantadeira* filme português com Amália Rodrigues e Virgílio Teixeira.
Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira. 28 — às 21.30 h.
Oode Começa o Sucesso — com José Ferrer, Shelley Winters e Elaine May.
Para maiores de 17 anos.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que, na acção com processo ordinário movida pela autora Maria Joaquina da Cruz Malheiro de Carvalho Rodrigues, casada, doméstica, residente na Rua Capitão Sousa Pizarro, n.º 72, em Aveiro, contra o réu Manuel Gastão Rodrigues, empregado comercial, com a última residência conhecida na Rua de São José, n.º 186, 2.º, em Lisboa, actualmente ausente em parte incerta, que corre seus termos pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, é, por este meio citado o mesmo réu, para, no prazo de vinte dias, contados findos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, o pedido formulado pela autora na aludida acção, o qual consiste na declaração do divórcio entre ela e o réu, com o fundamento nas alíneas a) e g) do art.º 1 778 do Código Civil (adultério do réu e ofensas graves à integridade moral da autora).

Aveiro 12 de Novembro de 1968

O Juiz de Direito,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão de Direito,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

Diz o LEITOR...

Regime de fim-de-semana em Aveiro

Alberto Lopes Antão (Lopes de Penafiel)

Corre o boato que sou contra o regime de fim-de-semana, e que andei até, com uma lista, a colher assinaturas.

É inteiramente desprovido de qualquer verdade este boato. Como posso ser contra tal regime, se fui o primeiro a assinar a lista A, sem pressas nem atropelos? Se fui o que mais trabalhou (sem receio ao desmentido), para colher assinaturas?

Disse aos que perguntavam e aos que não perguntavam que ele viria a ser para todo o distrito e que havia uma promessa de que em breve seria para todo o país, acrescentando que estava interessado no assunto Sua Ex.ª o ex-Governador Civil de Aveiro em colaboração com os srs. Presidentes das Câmaras concelhias, que, para tanto, já haviam reunido ou iriam reunir (valha a verdade) em Estarreja. Sendo esta a promessa, não há dúvida nenhuma de que mais de 60 % a assinaram, sem relutância.

Não. Não sou contra o regime de fim-de-semana; sou o maior entusiasta para que ele seja adoptado em todo o distrito e, consequentemente, em todo o país, conforme o que foi ventilado pelo Ex.mo Sr. Carlos Mendes, digníssimo Presidente do Grémio do Comércio, pessoa por quem tenho grande admiração e estima, nunca tendo regateado qualquer sacrifício ou perda de tempo sempre que por ele tenho sido convidado a colaborar para o progresso da cidade, e sempre tendo dado o melhor do meu *eu* para que tudo, dentro do possível, se encaminhe para um maior progresso. Ele próprio o poderá testemunhar.

Assinei a lista B, que não pude ler totalmente e atentamente por falta de tempo, porque tudo era uma pressa, e, se a assinei, foi por duas razões: 1.ª — por figurarem na lista nomes de pessoas que já haviam assinado, igualmente, a lista A; 2.ª — porque, quanto a mim, a exposição não pedia a anulação total do regime de fim-de-semana: pelo que dela depreendi, tudo seria em ordem a colocar as coisas nos seus devidos lugares.

Figura a minha assinatura em segundo lugar na lista B; mas esclareço que não fui o segundo a assinar: a lista encontrava-se já muito extensa e limitei-me a assinar no primeiro espaço que me indicaram, o que, para mim, significa o mesmo, pois não pretendo de forma alguma atirar a pedra e esconder a mão. Teria sido induzido em erro por não ter lido convenientemente a referida exposição? Se o fui, curvo-me, do facto pedindo desculpa, pois sempre fui e sou em favor do regime de fim-de-semana, mas nos moldes que atrás referi.

Se me perguntarem se tal regime prejudica o comércio, direi que sim, muito especialmente no período do Inverno; esta a conclusão que pude tirar já, pessoalmente, durante o curto espaço de tempo em que o fim-de-semana inglês foi adoptado no nosso concelho.

Por que não fazer mais pressão para que tal medida seja extensiva a todo o país, evitando assim descontentamentos?

Aqui fica esclarecido um mal entendido posto a circular a respeito da minha pessoa.

Opinião pública

Joaquim Rodrigues Magalhães

Acerca do encerramento aos sábados, não conheço ninguém que esteja satisfeito com tal iniciativa.

Sendo o sábado um dos dias de maior azáfama para todos, mas dum modo particular para as senhoras que têm o mercado, arranjo da casa e refeições..., como podem virar costas a tudo isto para irem fazer as compras que poderiam ser feitas com calma como até há pouco se faziam, da parte de tarde?...

E os operários e os funcionários públicos não têm compras a fazer? Ou não têm direito a ter uma tarde para se fornecerem dos artigos de que necessitam?

Muitos, ausentes em meios rurais, solicitados pelos seus afazeres profissionais, não encontram aquilo de que têm precisão nessas terras. O fim-de-semana era, digamos, a sua «tábua de salvação».

Para muitos lares este regime traz sérios aborrecimentos.

Os maridos recebem os salários e com mais esta folga vão gastar o dinheiro que faz falta à família, em coisas supérfluas. Deixam de comprar o que precisam e pagar o que devem.

Para quê complicar mais a vida a quem precisa de trabalhar... e ganhar o pão de cada dia?!

Discordo com este estado de coisas e muito mais discordo da maneira como a opinião dos comerciantes foi ouvida: — mais uma intimação do que uma opinião; eu fui abordado por duas vezes para concordar e aderi, muito contrafeito, depois de ouvir dizer que eu seria o único a não cooperar.

Agora vejo às claras que há muitos descontentes e é essa a opinião do público, em geral.

Semana inglesa?!

Aveiro, 19 de Novembro de 1968

Ex.mo Senhor
Director do *LITORAL*
AVEIRO

Ex.mo Senhor Director

Com vinte anos de prática comercial, dezassete como empregado e três como patrão, tenho seguido com muito interesse tudo o que se tem escrito sobre o actual regime de fim-de-semana.

Em face dos três depoimentos publicados no último número, também me atrevo a abusar da bondade de V. Ex.ª e peço licença para dar a minha achega.

Há tempos, o ilustre membro do Conselho Municipal, Sr. Eng.º Teixeira, disse que não houve legalidade de processo na condução do pedido para o actual regime.

Agora, o Sr. Estrela Santos, digno e conceituado comerciante, diz que foi enganado.

O Sr. Mário de Matos defende o seu ponto de vista e está certo, dado o lugar que ocupa.

O Sr. Vítor Falcão, embora formulando considerações muito importantes a favor dos direitos dos empregados de balcão, não resolve, quanto a mim, os seus problemas, visto não haver estabelecimentos abertos.

Por que não, dar-lhes a semana inglesa?

Segundo me consta é assim:

ESTABELECIMENTOS: Abertura às 9 horas, encerramento às 18 horas. (Mais uma hora por dia, durante toda a semana).

EMPREGADOS: Entrada às 9 horas, saída às 18 horas, com intervalo de 1 hora para almoço.

TARDE ÚTIL LIVRE: Quartas e sábados (Alternado).

DESCANSO SEMANAL: Domingo.

Nos estabelecimentos sem empregados, os patrões que necessitam e gostam de trabalhar, têm mais uma hora por dia, mas se fecharem, ninguém lhes pede contas.

Nos estabelecimentos com um empregado, esse empregado sai para almoçar normalmente das doze às treze horas ou das treze às catorze, conforme foi prèviamente estabelecido, e descansa alternadamente na tarde de quarta-feira ou de sábado.

Nos estabelecimentos com dois ou mais empregados, os descansos são tomados por revesamento alternado e normalmente 50 % de cada vez, quer para o almoço, quer nas tardes de liberdade.

Cabe aos responsáveis dos respectivos sectores estudar os problemas e equacioná-los com justiça e respeito pelos direitos de todos, adoptando o regime que melhor entenderem, mas por favor, não deturpem, nem lhe chamem «SEMANA INGLESA».

Exposta a minha ideia sobre o assunto, resta-me pedir desculpa a V. Ex.ª pelo tempo tomado e apresentar-lhe os meus respeitosos cumprimentos.

a) — Manuel Branco de Oliveira

A CIDADE

III COLÓQUIO REGIONAL DOS FARMACÊUTICOS EM AVEIRO

Como já nestas colunas se noticiou, no prosseguimento da acção cultural do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, iniciada com a realização dos colóquios regionais em Abrantes e Évora, efectua-se hoje, em Aveiro, o III Colóquio Regional de Aperfeiçoamento Profissional dos Farmacêuticos.

O programa deste III Colóquio, organizado pela Comissão de Coordenação das Actividades Culturais do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos e pela Comissão de Defesa dos Interesses das Farmácias de Aveiro e Ílhavo, inclui: às 15 horas, na sede do Grémio do Comércio de Aveiro, abertura da sessão, e alocução pelo Presidente do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, sr. Dr. Palla Carreiro; às 15.30 horas, primeira conferência sobre «Intoxicações Alimentares», pelo sr. Dr. António da Silva Costa, da Faculdade de Farmácia do Porto; e, às 16.30 horas, segunda conferência, acerca de «Águas de Alimentação e Residuais», pelo sr. Dr. Manuel Godinho de Matos, Director dos Serviços Técnicos do Exercício de Farmácia da Direcção Geral de Saúde.

As palestras terão a duração média de trinta minutos, destinando-se tempo sensivelmente igual para um colóquio livre, que será orientado pelo relator de cada tema.

Após o Colóquio realizar-se-á uma sessão em que o Prof. Correia da Silva esclarecerá alguns aspectos sobre a nova Lei do Exercício da Profissão Farmacêutica.

À noite, a encerrar a Jornada Farmacêutica haverá num restaurante da cidade, um jantar de confraternização dos participantes do colóquio.

ESCULTORA CLARA SEMIDE

Na Escola Superior de Belas Artes do Porto, defendeu tese em Escultura a já notável artista, que Aveiro tão bem conhece e tanto admira, Clara Menéres Semide, esposa do distinto técnico urbanista Arq.º José Semide.

Clara Semide obteve 19 valores — o que diz muito dos seus reais méritos, mas não diz tudo: os aveirenses já a tinham classificado, há muito, com 20 valores.

CORONEL AMÉRICO ROBOREDO

No pretérito sábado, tivemos o grato prazer de abraçar, nesta cidade, o nosso distinto e bom amigo Coronel Américo Roboredo de Sampaio e Melo.

«QUANDO OS POETAS CANTAM O DESPORTO»

O nosso prezado colaborador João Sarabando, aveirense distinto que tanto tem honrado com a sua pena inconfundível o Jornalismo nacional, particularmente em temas desportivos, abrilhantou notàvelmente as comemorações do 54.º aniversário do prestigioso Sporting de Espinho, recentemente realizadas, com uma aliciante conferência, ilustrada com recitativos e subordinada ao título que serve de epígrafe a esta notícia.

O interessantíssimo trabalho de João Sarabando foi prolongadamente aplaudido pelo numeroso auditório.

134.º ANIVERSÁRIO DA «BANDA AMIZADE»

Conforme noticiámos, a prestigiosa *Música Velha* está a festejar a passagem do seu centésimo trigésimo quarto aniversário.

Ontem, cumprindo-se o programa que se anunciou, realizou-se um concerto, na Praça do Dr. Joaquim de Mello Freitas. Amanhã, após concentração na sede da «Banda Amizade», será rezada missa na Sé Catedral, pelas 9 horas, seguindo-se uma romagem de saudade aos cemitérios da cidade.

COMEMORAÇÕES DO «DIA DO ARMISTÍCIO»

Conforme programa aqui anunciado, celebrou-se, na penúltima segunda-feira, a passagem do cinquentenário do armistício que pôs termo à conflagração de 1914-1918.

Pelas 11 horas, foram depostos ramos de flores no Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Prestou guarda de honra um destacamento de Infantaria 10, encontrando-se presentes, durante a significativa cerimónia, os srs.: Dr. Joaquim Lopes, Secretário do Governo Civil, representando o Chefe do Distrito; Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal; Coronel Álvaro Salgado, Coronel Armando Maçanita e Comandante Garrido Borges, respectivamente comandantes militar e do R. I. 10 e Capitão do Porto de Aveiro; diversas outras entidades e muitos antigos combatentes.

Seguiu-se a romagem de saudade ao Talhão dos Combatentes, no Cemitério Sul, e um almoço de confraternização de componentes do corpo expedicionário português.

À noite, na habitual reunião do Rotary Clube, os antigos combatentes e rotários aveirenses srs. Coronel João Pereira Tavares e João da Costa Belo fizeram curiosas evocações alusivas ao final da I Grande Guerra.

CONSTANTES CONVITES À «BANDA DO INTERNATO»

A fama da Banda do Internato Distrital de Aveiro vai correndo o País, pelo que, dos mais variados pontos, têm sido endereçados convites para actuações daquele conjunto — actualmente composto por 54 elementos, sob regência do maestro Severino Vieira.

Para além do valor musical dos executantes, a «Banda do Internato» tem primado sempre pelo impecável comportamento dos seus elementos — facto que merece ser devidamente realçado.

A convite do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa, a «Banda do Internato» vai tomar parte, em Lisboa, nas próximas Comemorações do 1.º de Dezembro e, na mesma altura, dará um concerto na capital.

Em 8 do próximo mês, nova deslocação, para participar nas festas em honra de Nossa Senhora da Canceição, em Camarates — Loures.

...tada
SEC...RIAL

O

C...eito de
publi...critura
de on...de mil
novec...e oito,
de fo..., a ca-
torze próprio
cento ...atro-B,
deste ...rio, ou-
torga ...ário Li-
cenci...ares da
Silvei...a entre
Manu...s San-
tos R...entura
dos S...ade co-
merci...de res-
ponsa...a, nos
termo...uintes:

A ...a a fir-
ma «..., Limi-
tada» ...ua sede
nesta ..., à Rua
Manu..., núme-
ro tri...esia da
Vera-...

A ...or tem-
po ind...artir de
hoje;

O ...exercí-
cio da ...anspor-
tes de ...móveis
ligeir...os, e o
de qu...amo de
indúst... que re-
solva e...

O ...do mon-
tante ...il escu-
dos, di... quotas,
de qu... contos
uma, ...ao só-
cio M...es dos
Santos ...co con-
tos ou...te à só-
cia Jo...os San-
tos; e ...almente
realiza...
A ...a Joana
Ventur...oi reali-
zada e...e entrou
na Ca...a quota
do sóc...rnandes
dos Sa...foi reali-
zada c... que ele
fez pa... do seu
seguint...móvel e
respect... para o
exercíc...tria de
transp...r, e nela
põe em ...ulo auto-
móvel, ..., núme-
ro IF-...o-vinte e
nove (... passado
pela D...iação de
Coimbr... em seu
nome ...tória do
Regist...óveis de
Lisboa ...o duzen-
tos e ...centos e
trinta ...livro IP-
-númer... oito, —
com a ...Licença
para tr...passagei-
ros em ...raça sem

taxímetro, passada pela Direcção-Geral de Transportes Terrestres — Direcção de Viação de Coimbra, em dezassete de Outubro de mil novecentos e seis, e licença que tem o número sete mil quatrocentos e sessenta e nove; e atribuem a estes bens para o presente acto o valor de quarenta e cinco contos;

QUINTO

Na cessão de quotas a estranhos a sociedade e qualquer dos sócios tem o direito de preferência;

SEXTO

Não serão exigíveis prestações suplementares de capital;

SÉTIMO

A gerência social fica afecta ao sócio Manuel Fernandes dos Santos Rigueira, que poderá exercê-la pessoalmente ou mediante procuração passada mesmo a pessoa estranha à sociedade; e a sociedade obriga-se pela assinatura da firma pelo gerente ou pela assinatura do seu procurador;

A gerência é dispensada de caução;

OITAVO

Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas apenas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, dezasseis de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

INAUGURAÇÃO DA SEDE-QUARTEL DOS BOMBEIROS DE ESTARREJA

A prestimosa Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, a cuja Direcção preside, com grande zelo e competência, o sr. Dr. Francisco José Marques de Oliveira Pinto, encontra-se em festa.

No último domingo, com a presença de entidades oficiais daquele concelho, e sob presidência do Chefe do Distrito e do Vigário Geral da Diocese, foi benzido e inaugurado o edifício da sede-quartel da corporação — que fica a ser um dos melhores do País.

Realizaram-se cerimónias, de que destacamos: pelas 11.30 horas, uma missa de acção de graças pela realização da obra e por todos os benfeitores que a tornaram possível; pelas 15 horas, bênção e inauguração da nova sede-quartel e de uma moderna ambulância (oferecida pelo benemérito Francisco Marques Garrido), sessão solene e visita às instalações; pelas 16.30 horas, desfile das corporações de bombeiros de todo o Distrito; e pelas 21.30 horas, festival popular (em que colaboraram seis orquestras), no salão nobre, terraço e parque de viaturas do novo edifício.

CONSELHO REGIONAL DE AGRICULTURA

Na sede do Grémio da Lavoura de Aveiro e Ílhavo, e sob presidência do sr. Eng.º-agrónomo Messias Fuschini, Inspector da II Zona Agrícola, realizou-se uma reunião do Conselho Regional de Agricultura da IV Região Agrícola.

Entre outros assuntos, foi estudado o problema dos produtores directos.

«BODAS DE PRATA» DO ILLIABUM CLUBE

O prestigioso Illiabum Clube, da vizinha vila de Ílhavo, vai festejar os seus vinte e cinco anos de vida, com um bem elaborado programa de acontecimentos desportivos, culturais e recreativos, que hoje se inicia e terminará em 7 de Dezembro.

O referido programa ficou assim estabelecido:

Sábado, 23 de Novembro — Pelas 17 horas, sessão solene, com presidência do Chefe do Distrito. No final, inauguração de duas exposições: «Divulgação Filatélica e Numismática», no Centro Recreativo dos Oficiais da Marinha Mercante; e «Arte Popular Ilhavense», no Centro Paroquial.

Pelas 21.30 horas, Festival de Folclore, no Pavilhão dos Desportos. Exibem-se o Grupo Como Elas Cantam e Dançam em Paços de Brandão; o Conjunto Típico «Os Marinheiros» e o Rancho de Torrão de Lameiro, ambos de Ovar; e a Marcha de Cimo de Vila, de Ílhavo.

Domingo, 24 de Novembro — Pelas 10 horas, concentração dos sócios na sede. Pelas 10.30 horas, romagem de saudade ao cemitério de Ílhavo, seguida de missa pelos sócios falecidos, na Igreja matriz. Pelas 11.30 horas, desfile da fanfarra e da banda dos Bombeiros Voluntários de Ílhavo. Pelas 12 horas, largada de pombos correios.

Quarta-feira, 27 de Novembro — Pelas 21.30 horas, no salão nobre do Illiabum, conferência do sr. Dr. Frederico de Moura, ilustre colaborador do Litoral, sobre «O Problema Médico na Pintura de Grecco». Pelas 21.30 horas, abertura da Exposição de Pintura e Escultura «Arte-Ílhavo II», na sede do clube.

Sábado, 30 de Novembro — Pelas 21 horas, no Pavilhão dos Desportos, Festival de Hóquei em Patins: desafio entre as selecções do Litoral e do Sul (com os internacionais, campeões do mundo) e patinagem artística, pela campeã nacional, Maria Judite.

Domingo, 1 de Dezembro — Pelas 11.30 horas, desfile da Banda Filarmónica Ilhavense. Pelas 16.30 horas, no Pavilhão dos Desportos, Festival Desportivo, com: patinagem artística, por Maria Judite; ginástica, pelas classes do Illiabum; e basquetebol, desafio Illiabum — B. P. M. (campeão metropolitano), para disputa de uma taça.

Quarta-feira, 4 de Dezembro — Pelas 21.30 horas, no Atlântico Cine-Teatro, representação da peça «O Diário de Anne Frank», pelo Círculo de Teatro de Aveiro (C. E. T. A.).

Sexta-feira, 6 de Dezembro — Pelas 21.30 horas, palestra e projecção de filmes do Dr. Vasco Branco, no salão nobre do Illiabum. (Deverá ser estreada a nova película do laureado cineasta aveirense e nosso colaborador, «A Grande Farsa»).

Sábado, 7 de Dezembro — Pelas 20.30 horas, jantar de confraternização dos sócios.

FALECERAM:

P.e DR. FLORINDO NUNES DA SILVA

Vítima de uma queda, teve de ser internado na Clínica de Santa Joana o Rev.º P.e Dr. Florindo Nunes da Silva, que viria a falecer no dia 14 do corrente.

Era natural de Cacia, onde tinha a sua residência, contava a provecta idade de 97 anos, foi aluno do Liceu de Aveiro e formou-se em Teologia na Universidade de Coimbra. Ordenado em 1901, foi pároco, sucessivamente, de Eixo, Soza, Covão do Lobo e Cacia, tendo resignado, por doença, em 1937.

O exemplar sacerdote era irmão do falecido Conselheiro Dr. Manuel Nunes da Silva.

D. LOURDES CAMPOS ROCHA

Faleceu no dia 16, na Casa de Saúde da Vera-Cruz, vítima de dolorosa e impiedosa doença, a sr.ª D. Ermelinda Maria de Lourdes Portugal Pereira Campos Rocha, que, em Agosto último, completara 68 anos de idade.

A estimada senhora, pertencente a numerosa e respeitada família aveirense, era viúva do saudoso Duarte Rocha e mãe das srs.as D. Maria Teresa Portugal Vaz Pinto da Rocha Pereira Campos, viúva do inesquecível Ricardo Pereira Campos Júnior, de D. Maria Clementina Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha Barata da Rocha, esposa do nosso dedicado colaborador Dr. Augusto José Sobrinho Barata da Rocha, da sr.ª D. Maria Helena e do sr. Duarte Nuno Portugal Pereira Campos Vaz Pinto da Rocha, marido da sr.ª D. Arminda da Silva Campos Rocha.

ANTÓNIO MARQUES RIBEIRO

Também no dia 16, faleceu nesta cidade o sr. António Marques Ribeiro.

O saudoso extinto, conhecido e conceituado proprietário da Azurva, deixa viúva a sr.ª D. Elisa de Castro Marques Ribeiro; e era pai das srs.as D. Maria Esmeralda Marques Ribeiro Fernandes, esposa do sr. Henrique Caeiro Fernandes, D. Ausenda Marques Ribeiro Sequeira, casada com o sr. Fernando Melo Sequeira, D. Lisete de Castro Marques Ribeiro Malaquias, esposa do sr. José Machado da Graça Malaquias, e, ainda, do sr. Fernando de Castro Marques Ribeiro.

D. JOANA DE JESUS

Na sua residência, em Coimbra, faleceu no dia 18, após prolongado sofrimento, a sr.ª D. Joana de Jesus, natural de Aveiro.

A bondosa senhora, que todos carinhosamente tratavam por «Joaninha», era casada com o sr. António Correia de Lemos; mãe da sr.ª D. Maria da Purificação Delgado Garcia e do nosso distinto colaborador Dr. Lúcio de Jesus Lemos, funcionário da Companhia Portuguesa de Celulose; e irmã da sr.ª Lucinda de Jesus, ausente em Luanda, e do sr. Hortêncio de Jesus.

D. ELVIRA AUGUSTA PICADO

Vítima de grave doença, faleceu, no dia 19, a sr.ª D. Elvira Augusta Picado, casada com o sr. Serafim Miguéis Picado, ausente em Angola, mãe do sr. Serafim Miguéis Picado e cunhada da sr.ª D. Cecília e do sr. Abel Miguéis Picado.

Ainda que de modesta condição, a saudosa extinta, que contava apenas 51 anos, tornou-se credora, por sua prestimosa bondade, da estima de quantos com ela conviviam e lhe admiravam as virtudes e qualidades.

D. MARGARIDA TERESA DE JESUS

Em Eixo, onde residia, faleceu no dia 18, com 77 anos de idade, a sr.ª D. Margarida Teresa de Jesus.

A bondosa extinta era viúva do saudoso Manuel Gaspar Novo.

A dolorosa notícia, por inesperada, surpreendeu, em Lisboa, o distinto polígrafo Rev.º Padre João Gonçalves Gaspar, filho da sr.ª D. Margarida Teresa, que na capital se encontrava com o venerando Bispo de Aveiro, de quem é secretário particular.

Tinha mais seis filhos: as sr.as D. Maria, D. Irene e D. Arminda e os srs. Manuel, João e Fernando Gonçalves Gaspar.

As famílias em luto, os pêsames do Litoral

Fausto Galvão, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de doze de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito, de folhas vinte e cinco a vinte e seis, verso, do Livro próprio número Quatro-C, deste Primeiro Cartório, outorgada perante o Notário Licenciado Joaquim Tavares da Silveira, foi dissolvida por mútuo acordo a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada sob a firma «Fausto Galvão, Limitada», com sede nesta cidade de Aveiro; a qual fora constituída por escritura de trinta e um de Maio do ano corrente, deste mesmo Cartório, não havendo activo ou passivo a liquidar ou partilhar.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário do que se narra ou transcreve.

Aveiro, dezasseis de Novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

O 2.º Ajudante,
Celestino de Almeida Ferreira Pires

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	MODERNA
2.ª feira	M. CALADO
3.ª feira	AVENIDA
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	NETO

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Cartaz dos Espectáculos

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 23 — às 15.30 e 21.30 h.
Todas as Noites às Nove — com Dirk Bogarde.
Para maiores de 17 anos.

Domingo, 24 — às 15.30 e 21.30 h.
Por Amor... Por Magia — com Rosemarie Dexter, Mischa Auer e Sandra Milo.
Para maiores de 17 anos.

Quarta-feira, 27 — às 21.30 h.
O Fado — *História duma Cantadeira* filme português com Amália Rodrigues e Virgílio Teixeira.
Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 28 — às 21.30 h.
Oode Começa o Sucesso — com José Ferrer, Shelley Winters e Elaine May.
Para maiores de 17 anos.

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Faz-se saber que, na acção com processo ordinário movida pela autora Maria Joaquina da Cruz Malheiro de Carvalho Rodrigues, casada, doméstica, residente na Rua Capitão Sousa Pizarro, n.º 72, em Aveiro, contra o réu Manuel Gastão Rodrigues, empregado comercial, com a última residência conhecida na Rua de São José, n.º 186, 2.º, em Lisboa, actualmente ausente em parte incerta, que corre seus termos pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, é, por este meio citado o mesmo réu, para, no prazo de vinte dias, contados findos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, o pedido formulado pela autora na aludida acção, o qual consiste na declaração do divórcio entre ela e o réu, com o fundamento nas alíneas a) e g) do art.º 1 778 do Código Civil (adultério do réu e ofensas graves à integridade moral da autora).

Aveiro 12 de Novembro de 1968

O Juiz de Direito,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão de Direito,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XV — 23-11-68 — N.º 733

Triunfo

REBUÇADOS
DROPS
CARAMELOS

DEIXAM SAUDADES NO PALADAR

SERVIÇO BOSCH OFICIAL

DE

RUNKEL & ANDRADE, L.DA

OFERECE

A todos os automobilistas um teste eléctrico «BOSCH» constando de:

Control da ignição
» dínamo e regulador
» das luzes
» do consumo de gasolina
» da bateria
Focagem de faróis

Durante as semanas de 25 a 30 de Novembro e de 2 a 7 de Dezembro de 1968.

O teste é feito por pessoal especializado e com o moderno «Cabinet electrónico — BOSCH»

Aceitamos marcação durante a Campanha, pessoalmente ou pelo telefone 23629.

OFICINAS

Av. Dr. Lourenço, Peixinho, 157 — **AVEIRO**

AUTOMÓVEIS

Precisa comprar, vender ou trocar o seu automóvel, dirija-se ao Stand B M W

de: **Rep. Aveirauto, L.da**

Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, 161 — Telef. 22167 — AVEIRO

OMEGA

CONSTELLATION
De 3.600$00 a 14.400$00

SEAMASTER
De aço — 2.400$00

LADYMATIC
De plaqué — 2.700$00

Três relógios que aliam a incomparável precisão OMEGA à elegância, à sobriedade e à distinção.

AGÊNCIA OFICIAL

Ourivesaria Matias & Irmão

Av. Dr. Lourenço Peixinho, 78
Telef. 22429
AVEIRO

Jóias de valor. Lindos Artigos de ouro pratas de estilo e relógios OMEGA

Com cada relógio OMEGA é entregue um certificado que assegura a assistência técnica em 163 países, e sempre com peças de origem.

A construção moderna exige parquetes de qualidade. . .

...parquetes IMPAR

beleza e conforto

Agente em Aveiro e Concelhos limítrofes:

REPRESENTAÇÕES FERANA de *FERNANDO VIANA*

Rua de José Rabumba, 3 — Telef. 24694 — **AVEIRO**

Mecânicos para fogões a gás

Distribuidores de gás

PRECISAM-SE

Carta escrita pelo próprio à Redacção ao n.º 85

Técnico de Contas

Devidamente inscrito, muito experiente, dinâmico, admite organização industrial para chefia do sector de contabilidade.

Contacto: *E. F. Sucena & Filhos, L.da*
Borralha — Águeda

Que lhe vale usar um relógio se não tem horas? Não deixe que relojoeiros improvisados batam mais no seu pobre relógio!

Na **OURIVESARIA VIEIRA**, *com pessoal profissional habilitado e boa aparelhagem, alguma electrónica, executam-se consertos em toda a espécie de relógios e aparelhos de precisão, com a máxima garantia e eficiência.*

OURIVESARIA VIEIRA - AVEIRO

Crónicas de Cinema

Continuações da última página

seja catástrofes ; aponta-as, torna-as latentes e evita-as no momento próprio.

A tradicionalidade do encanto parisiense é-nos escamoteada pela imagem (ali) insólita da velha florista de sorriso deslavado, contrastando com os volumes esmagadores de aço e vidro dos edifícios que a cercam, superando e desmitificando passadismos hoje inconcebíveis.

Também com a banda sonora, extraordinária, de um aproveitamento exemplar de efeitos descritiveis, Jacques Tati se empenhou para conseguir em Playtime um filme de equilíbrio. O som e a imagem co-justificam-se em necessidade.

Embora o desejássemos, não podemos considerar este Playtime uma obra-prima. E não sabemos especificar o porquê com rigorismo. Talvez esperássemos mais ou Tati-Hulot justificasse mais. Ou os antecedentes (O meu tio, As férias do Sr. Hulot) o fizessem supor. Ou então porque não concordássemos com o que nos pareceu formal e fútil, como, por exemplo, a mediocridade estética das imagens reflectidas nos vidros espelhantes, apostos supèrfluamente, para simbolizar toda uma tradição por demais conhecida.

No entanto, Playtime é um filme sério. Um filme para ver e discutir.

MAS ENTRETANTO...

Mas entretanto o Teatro Aveirense viu-se forçado a mudar de programação na semana seguinte. Não há dúvida que a única possibilidade de ter a casa cheia — de ter lucros necessários — é a de dar ao público mediocridades. O facto de teimar em trazer-nos bom cinema não parece compensar-lhe esse esforço — que o é. As limitações de público de cinema a sério são sobejamente conhecidas em Aveiro.

«O FARAÓ»

Surge-nos de súbito, no Avenida, um interessantíssimo filme polaco, de temática historicizante, anti-protótipo das super-produções bíblicas no estilo de Os Dez Mandamentos de Cecil B. de Mille. Surge-nos uma obra aberta sem pompas técnicas de esbasbacar, sem grandiosidades para inglês ver. Um filme dialéctico (em que não está tudo feito antecipadamente), a possibilitar intervenções de interpretação.

O Faraó (1966), de Jerzy Kawalerowicz, extraído dum romance de Boleslas Prus, foi o filme que para a crítica internacional veio afirmar a forte personalidade do autor, que desde 1960 (com Mère Jeane des Anges) vem trabalhando, juntamente com outros realizadores, para a consecução dum moderno cinema polaco.

«O Povo é como uma seara de trigo : inclina-se para onde soprar o vento». Assim definia um sacerdote o processamento da vida social no Egipto que O Faraó nos apresentou. O sacerdote : o indivíduo que, aproveitando-se da sua cultura extrema e da também extrema incultura do povo, movia os cordéis de toda a política egípcia ao tempo de Ramsés XIII. O faraó : o contraponto dialéctico para o desenvolvimento da acção, defendendo já os direitos sociais populares, notòriamente no que se referia ao tempo de descanso semanal e à possibilidade duma maior rentabilidade da mão-de-obra através duma melhoria de alimentação. Kawalerowicz, para além do excelente nível estético da realização, põe-nos de frente problemas de ordem social que històricamente se repetem. Daí a actualidade forte do seu cinema.

Desde a forma de que Kawalerowicz se serve para impor, filmando em décors naturais, uma realidade histórica actuante, até à técnica interpretativa (que nos lembrou, em certos casos, afinidades com os métodos do teatro de Grotowsky, outro polaco), vemos em O Faraó um cinema de realismo aberto, a desenvolver situações despidas de maneirismos, um realismo demonstrativo que foge da reprodução fiel naturalista. (Não se nos mostram imagens retratadas, fielmente reconstituídas, dum modelo original, mas a construção de situações que se bastam, já que se inscrevem numa autonomia explicada pelo fenómeno artístico).

Latu sensu...

Os filmes que se libertam da mediocridade passam quase sempre despercebidos ou são ultrajados. Há uma corrupção mental do espectador, submetido à escravidão da imagem emotiva e sentimentalonamente subjugante, superficial e «heróica», que comummente vamos encontrar nas chamadas super-produções de conteúdo ordinàriamente supérfluo e de aliciantes mistificadores.

Filmes menores, falhos de sentido e profundidade (já apontámos atrás um exemplo, mas há mais), axiològicamente diminuídos, alcançam, com surpresa, êxitos inusitados mas... normais. Demitem-se ou defraudam-se mentalidades a favor do fútil, do fácil como subproduto de grande consumo, exigência proposta pela «grande finança» desses produtores que só permitem realizações antecipadamente subordinadas a perspectivas substancialíssimas no que respeita a lucros. (Cá também é assim : Sarilho de fraldas, O homem do dia, Estrada da vida têm mais interesse para os homens da guita do que o nosso bom cinema, como é o caso de Belarmino, Mudar de vida, Verdes anos, Crime de Aldeia Velha, Domingo à tarde. Enfim, é uma exploração que a gente nunca mais vê acabada).

Produções, por consequência, alijadas de responsabilidades, traumatizantes, mas que, por outro lado (claro...) captam simpatias, conquistam adeptos e — o que é levado da breca — mantêm-nos, a bem duma continuidade conformista.

Tudo muito bem pensado, pesado e medido. Não se estranhem, por isso, as fabulosas campanhas publicitárias, muitas vezes ou quase sempre, como garantia do êxito duma mediocridade. Entretanto, esquecem-se quantas implicações prostibulares são sôfregamente absorvidas, assimiladas e retidas por mentalidades permeáveis a situações negativas, que não abrem caminho a estímulos consciencializantes. A reflexão, a crítica, a análise e, no conspecto humano, a acção valorativa que daí ocorre, perdem-se acabrunhadas numa alienação que prolifera a olhos vistos.

Isto vem a propósito e a despropósito de O Faraó. Mas para se falar de cinema não basta que se refiram apenas aspectos estéticos ou técnicos disto ou daquilo. Tem que se falar também, «obrigatòriamente», do que se passa à volta. E estes apontamentos, não pretendendo ser mais que breves crónicas de cinema, apontam para os lados uma ou outra setazita apenas para esperar que alguma coisa melhore.

É difícil, até é impossível, ver o cinema com «música de fundo» suplementar. Com roncos. Com indivíduos a ouvir relatos de futebol atrás ou à frente. Com rapazinhos a chatearem-nos com piadas sem piada nenhuma. Com gritos da geral, surpresos ante o aparecimento duma mulher nua. Assim, efectivamente, não é possível ir ao cinema.

Sugerimos que nas salas de projecção da cidade sejam distribuídos prospectos de educação acelerada. Para o efeito basta, para já, transcreverem os 10 mandamentos-base do cinéfilo civilizado, publicados no n.º 4 da revista Plano, que já ajuda... Pela nossa parte, agradecemos antecipadamente esta medida higiénica.

ARTUR FINO
JÚLIO HENRIQUES

Teatro necessário

Continuação da última página

realização de um ou dois espectáculos de teatro por semana e as pessoas, num futuro mais ou menos aproximado, poderiam substituir uma vez por outra, a vulgar e rotineira cavaqueira de café, por uma ida ao Teatro, ao seu Teatro. Uns arrastariam os outros, o gosto pela arte de representar aumentaria, os tais alicerces surgiriam fortes e consistentes, e dentro de relativo pouco tempo o ir assistir à representação de uma peça tornar-se-ia vulgar no dia-a-dia das nossas vidas.

Muito se espera dos grupos de teatro amador e na influência que podem ter no desenvolvimento e expansão do Teatro e na sua acção valiosíssima junto do público, criando-lhe o gosto pela arte, fazendo-o acorrer às salas de espectáculos, «obrigando-o» a crer nas suas vantagens e acostumando-o a encarar o Teatro como coisa séria e absolutamente necessária. *O teatro de bolso — para além de constituir uma garantia da sobrevivência e continuidade dos grupos amadores — é também a solução da maior parte dos problemas que os impedem de cumprir integralmente a difícil missão que lhes cabe dentro do panorama teatral.*

JOSÉ JÚLIO FINO

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

do com alunas e alunos actuais foi-nos permitido verificar a total convergência de opiniões no que se refere à necessidade de turmas mistas. Claro está, as motivações apresentam-se diversas, mas, longe de se repelirem, essas diversidades completam-se de um modo a tornarem mais exacto o ponto comum de junção.

A separação por sexos não teria sido arbitrária. O mesmo regime se processa em outros estabelecimentos de ensino. Não é isso, porém, uma barreira a opor à opinião das alunas e dos alunos do L. N. A., barreira que a justificar-se encontraria como único argumento o da autoridade. Mas para que não nos acusassem de unilateralidade, ouvimos também um professor, professor que, coerente com as provas de simpatia conquistadas na sua actividade, acedeu gentilmente a responder-nos.

UMA ALUNA FINALISTA

Mistas. Para melhor conhecimento da psicologia masculina. Além disso, há muitos rapazes que são mais sãos e mais camaradas que certas raparigas.

UMA ALUNA FINALISTA

Mistas.
1.º — Faria com que houvesse maior conhecimento entre rapazes e raparigas, diminuindo, portanto, as atitudes entre os dois.
2.º — Teríamos uma melhor preparação para enfrentarmos a faculdade.

UMA ALUNA FINALISTA

Mistas, com certeza. Principalmente para quebrar o gelo existente entre rapazes e raparigas que, sendo colegas, se cruzam nas ruas ou no liceu não havendo sequer um pequeno cumprimento.

UM ALUNO FINALISTA

À parte determinados indivíduos irresponsáveis, que o são, não por uma força de idade, mas sim por serem uma potencialidade preciosa para futuros «homens bons», as aulas mistas têm amplo interesse. No tipo de mentalidade em que se vive enquadrado, os contactos entre jovens de sexos diferentes são difíceis. E esses contactos são essenciais para se ter uma panorâmica rigorosa e verdadeira do mundo humano, que nem só de homens (ou mulheres) é composto, como muitos acreditam de boa ou má fé.
Portanto, se o convívio entre jovens é necessário, uma forma válida de superar os obstáculos inerentes a esse convívio, actualmente, é a criação ou manutenção de turmas mistas.

UM ANTIGO ALUNO

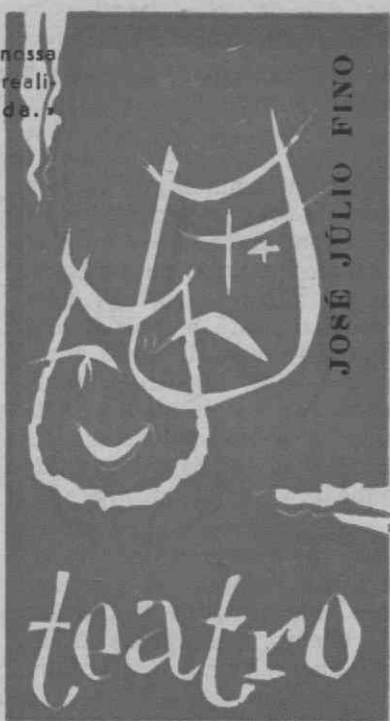
O problema das turmas mistas está intrinsicamente ligado a uma metodologia do ensino, cuja formulação reflecte as estruturas das sociedades. Nos tempos que vivemos, em todos os campos da actividade humana se verifica uma crescente participação da mulher que, mais que a contribuição quantitativa, representa um rasgar de novas e amplas perspectivas na direcção do futuro. É que transparece da Enseada amena *de Augusto Abelaira — uma mulher para quem a madrugada desponta, depois duma longa noite viciada em hábitos e cigarros apagados.*
E este despertar processa-se onde avulta a injustiça e impera a prepotência.
O problema da discriminação sexual tem sido em todo o mundo fulcro de estudos, colóquios e inquéritos que só pudica e misteriosamente nos chegam ao conhecimento.
O facto é que um sistema educacional nos moldes actuais fornece uma visão deformada e parcial da realidade, inculca o sentido duma inferioridade inata e promove o espírito de submissão. Vedada a apreensão da realidade tal qual é, à rapariga é concedida uma imagem impregnada de fórmulas ascéticas e conceitos petrificados. Esta orientação, produzida por uma tradição religiosa marcadamente dogmática, induz a mulher jovem num complexo de culpa que a distancia do mundo — observado, então, do parapeito do recato. Engrenada neste tipo de educação será um objecto passivo, uma peça suplementar numa dinâmica que a todos envolve.
É esta passividade o que mais a fere, como simples espectadora do ritmo vivo do tempo. Concretamente, o facto de se ter no liceu evitado as turmas mistas representa um recuo inaceitável. E direi, pelos jovens da minha idade, que o termos frequentado no 6.º e 7.º anos turmas mistas permitiu uma confrontação que nos trouxe os maiores benefícios: a timidez, as inibições de todas as espécies, os tabus, os complexos sociais, toda uma educação enfermada por comportamentos viciados e aspirações mitificadas, sofreram um choque. Mas um choque que foi ruptura.
E o mundo antigo começou, a partir de então, a ser mais claramente dissecado...

UM PROFESSOR DE MORAL

Embora considere arriscada uma resposta-opinião em tais condições (público heterogéneo e necessidade de expressão abreviada), penso que é normalmente humana, lógica, eficaz e oportuna a educação — e consequentemente as aulas mistas para os jovens (não adolescentes), suposta a sua conveniente orientação.

ALÍPIO RIBEIRO

«Esta é a minha casa, a tua casa, a nossa casa. Entremos nela e vamos viver, realizar, porque o Teatro é a Vida.»

TEATRO necessário e necessidade de

4

Muito se tem falado e escrito a propósito da necessidade de um teatro de bolso para a nossa cidade, mais pròpriamente, para o CETA. Controvérsias, polémicas e opiniões díspares, envolveram e, até de certo modo, asfixiaram um assunto absolutamente sério e uma pretensão legítima que a colectividade atrás referida fez vir a lume e pela qual muito tem lutado (e até talvez justificado) e, estou certo, continuará a lutar.

Mas não é mau propósito revolver ou levantar o pó de discussões amargas; não pretendo apoiar A ou B e discordar de C ou D, ou até indicar qual o melhor caminho para se conseguir o tão desejado teatro de bolso. Dentro do âmbito do título em epígrafe (e, portanto, não fugindo ao espírito que rege os meus outros trabalhos) pretendo muito simplesmente demonstrar (sem qualquer segunda intenção ou intuito especulativo) como o teatro de bolso é necessário *e como todos nós temos* necessidade *que ele exista.*

Vejamos em primeiro lugar: Teatro de Bolso! O que é um teatro de bolso? Mesmo para leigos, não é difícil percebê-lo como um compartimento pequeno (de uma maneira geral construído ou aproveitando caves, barracões ou até garagens desocupadas), um teatro miniatura, de algibeira, aquilo a que se chama vulgarmente um teatrinho, totalmente despido de artifícios ou coisas supérfluas, absolutamente funcional e preenchido apenas com o indispensável para a arte de teatro, a verdadeira arte de teatro. De uma maneira geral os palcos deste teatro são maiores que o espaço reservado ao público assistente e, normalmente, apenas existe um género de lugares (sem camarotes, balcões ou plateias classificadas, bem como outras divisões do espaço onde o público assiste às representações); pretende-se que as pessoas se sintam mais próximas dos actores e do que eles representam, numa comunhão total; assim haverá mais possibilidades de concentração, vive-se o que se passa nas tábuas, entra-se pela cena dentro. O palco esmaga, transcende e liberta; obriga, não a ver um vulgar espectáculo de teatro, mas sim a sentir e a aderir ao mundo que se forma à nossa volta e cujas raízes ficam para sempre. São enormes as vantagens e os seus benefícios; para os que lá trabalham, portanto aqueles que estão directamente relacionados com a arte de representar, e os que lá vão assistir às manifestações de cultura e arte, ou seja, o público em geral.

Analisemos, em relação à parte técnica e artística dos grupos de teatro amador, o que pode significar a existência e correspondente utilização do teatro de bolso. Como se depreende, este género de teatro, pequeno e, como digo acima, absolutamente funcional, nunca pode permitir uma exploração no sentido comercial (talvez, não sei, aqui esteja uma explicação para a sua capacidade propositadamente reduzida); assim, e posta de lado a parte material, o trabalho desenha-se e encaminha-se para uma linha puramente cultural e artística, permitindo a criação de uma escola de actores, técnicos, encenadores, etc., o desenvolvimento e estudo de experiências teatrais em todos os diversos campos desta arte (cenografia, luminotécnica, sonoplastia, etc), o lançamento do teatro de vanguarda — lògicamente com extraordinárias possibilidades de acompanhar a evolução do teatro em todos os seus variadíssimos ramos — e, acima de tudo, a criação de um teatro permanente e materialmente acessível. Mas há ainda a considerar o que o teatro de bolso poderá significar como mola real para o apetrechamento artístico-técnico individual: numa casa onde caibam 1 000 ou mais pessoas, um grupo de teatro amador (para além das tremendas dificuldades financeiras que representa um espectáculo num teatro comercial) apenas poderá dar uma representação e, em casos muito especiais, duas ou três. Ora, com um teatro de bolso, que, por norma, comporta entre 100 a 200 pessoas, o número de espectáculos (da mesma peça) poderá ser muito mais elevado e, lògicamente, a valorização dos actores e técnicos em função tem muito mais possibilidades de se tornar forte, personalizada, consciente, artìsticamente mais completa, para, num futuro próximo, se colherem os frutos que resultam dessa actividade constante e duradoira. Inclusivamente, a existência do teatro de bolso permite a realização de colóquios sobre arte, a revelação e lançamento de novos dramaturgos (com palestras sobre obras de teatro e outras) e a possibilidade de aderência e manutenção de público. Ele funciona como se fosse um campo de treinos e jogos, um ginásio, uma piscina, um centro onde se criam, neste caso, não atletas, mas actores, encenadores, técnicos, público e teatro. No que diz respeito aos benefícios materiais que os grupos de teatro amador usufruem da sua existência, aponto para já os seguintes: evitam-se as despesas de aluguer de teatro, baixam enormemente os direitos de autor, licenças e outros, anulam-se os fretes para transporte de material de cena, deixam pràticamente de existir fretes a pagar ao pessoal de carga e descarga e poupa-se a consequente desvalorização dos apetrechos de cena; para além disto não se verificam dispersão e lapsos quando o material é necessário para qualquer representação. Está provado que não é possível com um ou dois espectáculos por ano (e que resultam dum esforço titânico — físico e material — e do sacrifício duns tantos e que humanamente se compreende que sendo dependentes da carolice de meia dúzia estejam portanto sujeitos a ruirem fragorosamente, tanto por limite de forças, saturação ou ausência de auxílio aos responsáveis, como por incompatibilidades e incompreensões) mas, dizia eu, com um ou dois espectáculos por ano numa cidade, é utópico pensar-se em enraizar o teatro no espírito das pessoas. A dispersão não se pode evitar e o desinteresse natural corrompe todas as estruturas apoiadas em suportes assim. O teatro de bolso seria a estrutura forte, perfeitamente cimentada e à altura de evitar essa indiferença geral e a «obrigar» o público a acreditar no Teatro como veículo de cultura e arte. Fundamentalmente e como consequência lógica, esse mesmo público seria altamente beneficiado, pois teria espectáculos e outras sessões de arte com frequência e dentro das suas possibilidades económicas. Seria então viável a

Continua na página sete

PELOS «ÉCRANS» DE AVEIRO

«DOZE INDOMÁVEIS PATIFES»

Mais uma, caríssimo leitor, mais uma fita de heróis, boa pra empacotar; mas não se julgue que não levou muita gente: só pra ver, muitos desiquilibraram o orçamento, mais dez paus prápreciar uma batelada diróis americanos de várias descendências.

Reisman era o major (Lee Marvin, muito bom actor, metido em alhadas) que comandava doze celerados, à dúzia é mais barato, condenados a longos anos de prisão ou à morte, conforme as patifarias, de formas cu major, caté era muito coreáceo, foi treinar os meliantes pra eles óspois ficarem a saber matar inda melhor có que já sabiam, seles se saíssem bem, talvez o exército desculpasse as malandricezinhas queles tinham feito, os malandros, atão a missão era de trazer prucasa, bastava ir ao quartel-general do inimigo, queram os acólitos mais graduados do Sr. Hitler, e matar qantos mais melhor, só pra desmoralizar,
os meliantes, có princípio eram rebeldes cumó diabo, tavam habituados a não fazer nenhum, até provaram que não há rapazes mauzões, prós estimular, o major até lhes ófreceu como prémio de fim de curso umas prostitutas baratas, foi o melhor quele conseguiu arranjar e no mercado negro, que se portaram very well.
e lá foram ao quartel pra matar alemães caté levavam uma vidinha de nababos, com larga participação de concubinas e uísques de primeira, óspois de formidáveis aventuras, os indomáveis patifes liquidaram todos, que foi pra eles não brincarem às guerras, e foi bem feito,
a coisa, aliás, foi assim, tim-tim por tim-tim: quando os alemães toparam a manobra, fugiram pró abrigo anti-aéreo que tinham debaixo do prédio e caté era de voa qualidade e, pumba!, trancaram-se lá, mazupior é cu major, quera esperto cumó James Bond, ordenou que satirassem umas quantas granadazitas prós respiradouros e se regasse tudo muito bem regado com gasolina de 100 octanas, e tocá andar, lançaram fogo àquilo tudo, até pracia o S. João, de maneiras que num sei sestão a perceber, os militares alemães mais as fêmeas que láxetavam foram muito bem assados, coitados, um churrasco bestial,
e entretanto, os heróis foram caindo heròicamente, pois, e no fim só sobrou um, quera mais bestial que, e óspois a dignidade toda foi muito reconhecida e está claro que pòstumamente restituída numa bandeja pelos grandalhões bonzões dos exércitos dos USA, e as famílias dos defuntos heróis ficaram muito mais descansadas e passaram àrreceber as respectivas pensões dos heróis-patifes-cadáveres, quer dizer, tudo em bom.
conclusão: quem rilha ossos, arrisca-se àpanhar reumático.

A AFLIÇÃO

Se nos dão licença, permitimo-nos transcrever algumas passagens dum texto de Vitor Silva Tavares saído no Jornal de Letras e Artes n.º 263. Sob o título Diário de um espectador (aflito), onde grita: «Por que mãos andará o cinema? Que maquiavélica engrenagem é esta que vomita quotidianamente tanta leviandade, tanto descaramento, tanta corrupção? Porque serei obrigado, mesmo neste campo, a engulir o pão da mentira? Quem anda prostituindo, da produção à exibição, uma das belas artes concebidas pelo génio humano? Que argumentos poderão justificar a intragável mistela, o cortejo de horrores, o veneno letal que por aí passa com o abusivo nome de cinema? Quem é que insiste em reduzir o homem ao nível animal irracional?»

Efectivamente, é um longo cortejo de anedotas intragáveis o que na indústria do cinema se propaga cada vez com mais força, pelo que parece. Gritar? Para quem? Cá ficamos, aflitos e cheios de raiva (surda), à espera. E ainda estamos de pé.

«PLAYTIME»

«...todos os filmes contam histórias bem feitas; mas ao menos uma vez não poderemos passar sem elas?» ——— Jacques Tati

Esta interrogativa-informativa de Tati-Hulot define, talvez, não o que supostamente se possa levar à conta de futilidade modernista ou especulação do inédito (lembramos que esta obra teve dez anos de maturação e cerca de três de concepção), mas uma tentativa de fazer cinema liberto de elementaridade acessória ou supérflua, isto é, desenraizada da estética comum.

Em Playtime há como que uma vincada abdicação do personagem (o próprio Hulot é sòmente mais uma peça da engrenagem), uma diminuição do elemento humano perante o fantástico das coisas. A câmara de Tati percorre um mundo familiar que todavia está interdito à consciencialização pelo excesso de contacto que temos com esse mesmo mundo. A panorâmica duma massificação escravizada à implacabilidade duma civilização ultra-mecanizada, retrata-nos o homem subordinado ao meio ambiente, ao objecto, a todo um potencial tecnocrático por ele criado.

A integração do espaço que a objectiva selecciona dimensiona-nos um quotidiano invisível, numa linguagem puramente descritiva. Divorciado da narrativa, Playtime subjuga-nos com um cinema de síntese, que é, sem dúvida, dum positivismo considerável. No rigorismo orgânico, na impecabilidade técnica, na espectaculosidade da sua desconexão, é um filme fascinante, perfeito.

Playtime é também um espectáculo duma leveza, duma espontaneidade que nos conquista, quanto mais não seja para estar ali a ver, de olhos naturalmente abertos — embora não apenas contemplativos e quietos: aquilo que nos cerca também está no filme.

As situações cómico-burlescas, tão do agrado de Tati, marcam a inconcordância do homem com o alinhamento, o super-equilíbrio, o ultra-simétrico, imagística da impessoalidade implícita nalgumas cenas que retratam as formas de movimentação de hoje.

A sequência do «Royal Garden» (de inauguração prematura), é um exemplo marcante da personalidade de Tati. A sucessão de gags a provocarem a decomposição cénica, pressupõe-nos uma imagem final de bouquet apoteótico, apologia caricata da destruição que antevemos para a recém-inaugurada boite. No entanto, nada acontece. A cena do mosaico que se descola é por demais elucidativa: quando nos refastelamos para receber a sequência com sonoras gargalhadas, quando antegozamos o prazer duma hecatombe de situações ridículas, quando desejamos ver os dançarinos nas mais variadas atitudes burlescas, nada acontece também. Tati-Hulot não de-

Continua na página sete

UM DISCURSO DO CHEFE DO DISTRITO

Continuação da primeira página

reserva. Integrado no pensamento e devotado ao Homem.

Voltei, para reafirmar, na acção política, a minha dedicação ao português extraordinário que é o Almirante Américo Tomás.

Voltei para poder servir a minha cidade e o meu distrito, uma vez mais, dentro daquele espírito de tolerância e de respeito de todos para todos, que é tanto do meu agrado, como é do agrado de todos vós.

Voltei, para ajudar, dentro das minhas possibilidades, a solução de problemas que fundamentalmente interessem ao progresso das nossas terras.

Voltei, pois voltei, numa palavra, para, em ambiente de perfeita camaradagem com todos vós, sem reservas seja para quem for, esquecido como estou de qualquer mágoa recebida, porventura esquecidos os outros também de alguma queixa contra mim, tomado do espírito de convivência pessoal e política que o nosso imortal patrono cívico — o maior dom da nossa terra — nos ensinou e fez ter como o bem mais precioso da vida local e até da vida nacional, voltei — repito — para levar todos a participarem da linha de rumo traçada por Marcello Caetano e cuja execução compete ao Ministro do Interior — homem inteligente, tolerante, razoável, que fomenta a simpatia de todos quantos dele se aproximam.

Dessa forma, ser-me-á possível, com a vossa ajuda e apoio, por um lado, criar no distrito uma frente política imbatível e, por outro, promover — assim o desejo — um maior desenvolvimento da cidade e de todos os concelhos, fazendo que tal se processe com ajustado equilíbrio entre todos os interesses e entre todas as camadas sociais.

É este o lema. É esta a palavra de ordem.

Só mais uma nota: todos sabem do meu amor à liberdade. Mas a todos lembro que, como vós, igual amor tenho à autoridade, à ordem, à tranquilidade.

Se mo permitem... uma imagem:

A nau da Pátria navega impulsionada por duas velas: a da autoridade e a da liberdade. A primeira está desfraldada a todo o pano, há algumas décadas e não serei eu que lhe recolherei uma polegada. A segunda, a da liberdade, tem estado, porém, demasiado recolhida; há que soltá-la, se bem que em manobra gradual, a fim de que a nave de nós todos, com firme timoneiro, a saber o rumo a seguir, possa sulcar mais ràpidamente as águas da concórdia e do progresso e assim se tornar possível um ajustado equilíbrio entre os dois maiores valores que interessam ao homem, àquele que quer, em plenitude, usufruir da dignidade que informa a pessoa humana. Será esse que não pactua com a subversão e se não deixa, pois, conduzir aos trilhos da tirania.

Dirijo ao meu digno antecessor as saudações que lhe são devidas pelo esforço — e a ele se deu todo — de bem governar Aveiro. Não esqueço que, no meu anterior mandato de governador, foi dos melhores colaboradoers que tive.

Saúdo as autoridades administrativas e políticas de todo o distrito, afirmando-lhes o melhor propósito de uma colaboração e ajuda prontas e interessadas. Em particular, agradeço ao Dr. Artur Moreira, Presidente da Câmara citadina, e que à tarefa se tem consagrado com todo o seu «aveirismo», agradeço-lhe — insisto — o cuidado que dispensou a este acto da minha «reapresentação», em Aveiro e no distrito, bem como, na sua pessoa, agradeço aos ilustres vereadores o voto, tão expressivo como sensibilizante, de congratulação pelo meu regresso.

Monsenhor Aníbal Ramos, bom amigo: a V. Rev.ª, ilustre Vigário Geral da Diocese e, neste momento, e aqui, digno representante de Sua Ex.ª Rev.ma o sr. D. Manuel, Bispo de Aveiro, que sei de todo impossibilitado de comparecer a esta sessão, peço que transmita ao distinto Prelado a minha saudação, que propositadamente deixei para o fim, no intuito de melhor significar o meu profundo reconhecimento pela sua presença espiritual neste acto, aqui pessoalmente tão bem representada.

É Sua Ex.ª Rev.ma, pelo talento e pelo coração, uma grande e prestigiosa figura da Igreja Portuguesa. Para honra nossa, Sua Ex.ª Rev.ma é aveirense — é das terras de Aveiro.

Desde a primeira hora da sua chegada, como não podia deixar de ser, encontrou em mim inteira e devotada colaboração. Como me vai ser grato, agora que estou na magistratura distrital, alargar essa acção colaboradora. Como me vai ser grato!

Ao exprimir-me assim, exteriorizo, da melhor maneira, a minha veneração e a minha respeitosa amizade por Sua Ex.ª Reverendíssima.

Para vós todos que aqui estais, da cidade e de todo o distrito, para vós todos meus amigos, amigos de todas as horas, amigos que devotadamente me acompanhastes da outra vez e que ainda mais devotadamente me acompanhastes no meu afastamento da vida pública distrital, a vós todos, o meu obrigado e a certeza de que, como da outra vez, sou apenas um de vós, despido de ambições, de preconceitos, sempre convicto participante da maneira democrata de fazer e de agir da nossa terra, pronto a dar-me a todos. Sempre a vosso lado, ajudando cada qual conforme pode, havemos de fazer nas nossas queridas terras por prestigiar a Pátria e defendê-la no Ultramar dos assaltos inimigos.

Viva Portugal
Viva o Almirante Américo Tomás
Viva Marcello Caetano
Viva Aveiro
Viva o distrito de Aveiro.

Litoral

AVEIRO, 23-NOVEMBRO-1968
ANO XV - N.º 733 - AVENÇA